



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA – AMÉRICA LATINA

A ITAIPU E OS BARRAGEIROS
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DOS TRABALHADORES A PARTIR DO
INFORMATIVO UNICON (1978-1980) E DOS ESPAÇOS DE MEMÓRIA DE FOZ DO
IGUAÇU

EMERSON BARBOSA MATOS

Foz do Iguaçu
2023

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA - AMÉRICA LATINA

A ITAIPU E OS BARRAGEIROS

**UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DOS TRABALHADORES A PARTIR DO
INFORMATIVO UNICON (1978-1980) E DOS ESPAÇOS DE MEMÓRIA DE FOZ DO
IGUAÇU**

EMERSON BARBOSA MATOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História – América Latina.

Orientador: Ana Rita Uhle

Foz do Iguaçu
2023

EMERSON BARBOSA MATOS

A ITAIPU E OS BARRAGEIROS
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DOS TRABALHADORES A PARTIR DO
INFORMATIVO UNICON (1978-1980) E DOS ESPAÇOS DE MEMÓRIA DE FOZ DO
IGUAÇU

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História - América Latina.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr^a. Ana Rita Uhle
UNILA

Prof. Dr.^a Endrica Geraldo
UNILA

Prof. Dr. Paulo Renato Silva
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): _____

Curso: _____

	Tipo de Documento
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....) _____

Título do trabalho acadêmico: _____

Nome do orientador(a): _____

Data da Defesa: ____ / ____ / ____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons* **Licença 3.0 Unported**.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

À Maria da Glória, cuja trajetória me inspira.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa teve início a partir das atividades desenvolvidas no projeto Memórias Subterrâneas em 2019. Por isso um agradecimento especial à minha orientadora Ana Rita, pelo convite para participar como voluntário do projeto e por todo acompanhamento durante o desenvolvimento deste trabalho. Obrigado por sempre responder com empolgação, mesmo depois dos períodos que me afastei da pesquisa.

Agradeço ao prof. Tiago Bonato e à prof.^a Endrica Geraldo que foram coordenadores do projeto e a todos os colegas da extensão, pelas atividades desenvolvidas em conjunto, pelas discussões que foram tão importantes para pensar sobre a história de Foz do Iguaçu e as representações sobre os trabalhadores e pelo contato que mantivemos desde 2019 atravessando os períodos mais incertos da pandemia.

Aos ex-trabalhadores de Itaipu, os que participaram das rodas de conversa e os que nos receberam em suas casas para as entrevistas. As conversas foram um importante espaço de trocas e afetos, ressaltando a importância de diferentes narrativas frente à memória instituída.

Da mesma forma como agradeço a experiência na extensão, as aulas e os debates no curso de História - América Latina na UNILA foram importantes para minha formação e agradeço ao núcleo docente pelo compromisso pelo ensino e pela pesquisa. Também agradeço aos colegas do curso, com quem participei das atividades ao longo da graduação, especialmente à minha amiga Dani Nascimento, pelas conversas e companheirismo. “Resistência Norte e Nordeste!”

Um agradecimento especial a Julio, meu companheiro de vida, pelo carinho, pelo apoio, pelo incentivo e também por todas as nossas conversas ao longo desses seis anos juntos. Obrigado por me fazer persistir mesmo quando queria desistir.

À minha irmã, Mariane, uma mulher revolucionária que me apoia e me inspira.

À minha mãe, Maria da Glória. A primeira de uma família de doze filhos a sair da sua terra natal pela promessa de uma vida melhor. Ela também foi a primeira da família a entrar na faculdade e tornar-se professora. Desde a infância encoraja-nos a seguir nossos próprios caminhos, estimulando nossa imaginação e criatividade. Obrigado por cada lembrança boa da infância, pelo apoio quando decidi sair de casa e pelo carinho que diminui a saudade toda vez que volto.

Muito obrigado!

Mas a memória humana se parece com alguém que está alegre de madrugada por ter bebido um pouco demais: por mais que tente, não consegue andar em linha reta. Ela cambaleia por um labirinto cheio de meias-voltas, com frequência se movendo em zigue-zagues estonteantes, imune à razão e capaz de entrar no mais absoluto colapso...

Elif Şafak

RESUMO

Barrageiro é um termo utilizado para referir-se aos trabalhadores de diferentes cargos que operam em barragens. Ao longo do século XX a construção de hidrelétricas mobilizou sujeitos de diferentes partes do Brasil motivados pela oportunidade de trabalho nesses projetos. Em Foz do Iguaçu, uma cidade fronteiriça, impactada pela construção de Itaipu, o termo tornou-se referência para a história da cidade, que recebeu uma grande quantidade de migrantes, empregados na usina, além dos trabalhadores paraguaios, por tratar-se de uma empresa binacional. A questão deste trabalho está centrada na análise dos sentidos e usos do termo barrageiro na forma como foi empregado por Itaipu na construção de uma narrativa harmoniosa das relações entre os trabalhadores, de diferentes línguas, sotaques e origens, durante a construção da usina. A memória institucional construída pela empresa, vai atrelando a história de Foz do Iguaçu à história da construção da usina, de forma que adquire o aspecto de uma “memória oficial”. Nesse processo, projeta-se a figura do barrageiro, como uma representação homogênea dos trabalhadores. Utilizamos como fonte o Informativo UNICON, um periódico publicado em português e espanhol, que circulou no canteiro de obras entre 1978-1988 e empregou um discurso institucional no diálogo com os trabalhadores brasileiros e paraguaios. E também construímos a análise a partir dos espaços de memória na cidade. Nesse discurso a figura do barrageiro aparece como um trabalhador idealizado, um peão anônimo, cristão, patriota, cuja força de trabalho e suor eram suas maiores qualidades.

Palavras-chave: Itaipu; barrageiro; trabalhadores; memória; representação.

RESUMEN

Represero es un término utilizado para referirse a los trabajadores de diferentes cargos que operan en represas. A lo largo del siglo XX, la construcción de centrales hidroeléctricas movilizó a personas de diferentes partes de Brasil, motivadas por las oportunidades de trabajo en estos proyectos. En Foz do Iguaçu, una ciudad fronteriza impactada por la construcción de Itaipú, el término se convirtió en una referencia para la historia de la ciudad, que recibió una gran cantidad de migrantes empleados en la central, así como trabajadores paraguayos, debido a que se trata de una empresa binacional. El objetivo de este trabajo se centra en el análisis de los significados y usos del término represero tal como fue utilizado por Itaipú en la construcción de una narrativa armoniosa de las relaciones entre los trabajadores, de diferentes idiomas, acentos y orígenes, durante la construcción de la represa. La memoria institucional construida por la empresa vincula la historia de Foz do Iguaçu con la historia de la construcción de la represa, de modo que adquiere el aspecto de una “memoria oficial”. En este proceso, se proyecta la figura del represero como una representación homogénea de los trabajadores. Utilizamos como fuente el Informativo UNICON, una publicación en portugués y español que circuló en el complejo de obras entre 1978 y 1988 y empleó un discurso institucional en el diálogo con los trabajadores brasileños y paraguayos. También construimos el análisis a partir de los espacios de memoria en la ciudad. En este discurso, la figura del represero aparece como un trabajador idealizado, un obrero anónimo, cristiano, patriota, cuya fuerza de trabajo y sudor eran sus principales cualidades.

Palabras clave: Itaipú; represero; trabajadores; memoria; representación.

ABSTRACT

“Barrageiro” is a term used to refer to workers in various positions who operate in dams. Throughout the 20th century, the construction of hydroelectric power plants mobilized individuals from different parts of Brazil, motivated by work opportunities in these projects. In Foz do Iguaçu, a border city impacted by the construction of Itaipu, the term has become a reference for the city’s history, which received a large number of migrants employed at the power plant, as well as Paraguayan workers, due to its status as a binational company. The focus of this work is centered on the analysis of the meanings and uses of the term “barrageiro” as employed by Itaipu in constructing a harmonious narrative of the relationships among workers of different languages, accents, and backgrounds during the construction of the dam. The institutional memory built by the company links the history of Foz do Iguaçu to the history of the power plant’s construction, to the point where it takes on the aspect of an “official memory”. In this process, the figure of the “barrageiro” is projected as a homogeneous representation of the workers. Our sources include the UNICON Newsletter, a publication in Portuguese and Spanish that circulated at the construction site between 1978 and 1988, employing an institutional discourse in dialogue with Brazilian and Paraguayan workers. We also conducted our analysis based on memory spaces in the city. In this discourse, the figure of the “barrageiro” appears as an idealized worker, an anonymous laborer, Christian and patriot, whose strength of work and sweat were their greatest qualities.

Key words: Itaipu; barrageiro; workers; memory; representation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – “Nossa história”. Recorte do site da Itaipu Binacional.	17
Figura 2 – Operários do Consórcio UNICON posam para a foto após concluída a construção do Canal de Desvio	24
Figura 3 – Capa da Primeira edição do Informativo Unicon.	29
Figura 4 – Do lado esquerdo: capa da Edição Comemorativa da Conclusão do Canal de Desvio. Do lado direito: Uma imagem que foi destacada da capa, Ernesto Geisel e Alfredo Stroessner trocam cumprimentos durante a cerimônia de inauguração do Canal de Desvio.	38
Figura 5 – Na fotografia está o presidente João Figueiredo em meio aos trabalhadores	40
Figura 6 – Cartazes da Campanha Para Prevenção de Acidentes	53
Figura 7 – Ocupação de Alojamentos no Canteiro de Obras - Itaipu	57
Figura 8 – Vantagens para o trabalhador alojado.	57
Figura 9 – Destaque sobre o Canal de Denúncias do Departamento de Vigilância da UNICON.	61
Figura 10 – Zenildo e Zaul foram a dupla vencedora com a música “ <i>O Canto de Itaipu</i> ”.	68
Figura 11 – Símbolo do Festival da Música Popular do Barrageiro.	70
Figura 12 – Aos trabalhadores de Itaipu.	75
Figura 13 – Escultura “Barrageiro - Homem de Aço”	79
Figura 14 – Painel do Barrageiro, Poty Lazzarotto. Fotografia.	81
Figura 15 – Destaque: Painel do Barrageiro, Poty Lazzarotto. Do lado esquerdo a conclusão do Canal de Desvio e do lado direito a instalação das unidades geradoras.	81
Figura 16 – Verso do mural de Poty Lazzarotto.	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. ITAIPU, UMA EPOPEIA	24
1.1 O INFORMATIVO UNICON COMO FONTE HISTÓRICA.	26
1.2 YAJHÁ: UMA MÍTICA DO PROGRESSO.	28
1.3 “UMA OUSADA TRAVESSIA”: A CONSTRUÇÃO DE ITAIPU COMO UMA PROMESSA DE FUTURO.	32
1.4 BRASIL-PARAGUAI: A USINA COMO LEGADO DA DITADURA MILITAR.	37
1.5 DO PROJETO À REALIDADE: MUDANÇAS DISCURSIVAS AO LONGO DO TEMPO.	41
2. BARRAGEIRO, O HERÓI ANÔNIMO	46
2.1 BARRAGEIRO: PERSPECTIVAS SOBRE O TERMO	47
2.2 TORNAR-SE BARRAGEIRO: DIFERENTES TRAJETÓRIAS QUE SE CRUZAM	48
2.3 CRÔNICAS DE UM PERSONAGEM ANÔNIMO	50
2.4 “PAU PARA TODA OBRA”: MODELOS DE CONDUTA	52
2.5 BARRAGEIROS ALOJADOS	55
2.6 VIGILÂNCIA NO CANTEIRO DE OBRAS	59
2.7 MORAL CRISTÃ: OS VALORES DO BOM OPERÁRIO	61
3. MEMÓRIA E CONFLITO	66
3.1 REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS SOBRE O BARRAGEIRO	67
3.2 “RASTROS DE MEMÓRIA”	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	86

INTRODUÇÃO

Barrageiro, em seu sentido mais comum, é uma palavra que faz referência aos sujeitos que trabalham em obras de barragens para geração de energia elétrica, disseminadas no Brasil a partir da construção das usinas ao longo do século XX. Associado ao termo, é comum a referência a uma “cultura barrageira”, que envolve modos de ser e viver que caracterizam esses trabalhadores como sujeitos migrantes, cujo movimento é definido pelas etapas de construção das hidrelétricas. Quando uma obra está perto de ser finalizada, o barrageiro se encaminha para onde há novas oportunidades de trabalho.

Entretanto, em Foz do Iguaçu, uma cidade do Oeste Paranaense, o termo barrageiro ganhou outros sentidos, consolidando-se como referência a uma identidade específica relacionada à história da cidade. A partir de 1974, a cidade recebeu uma grande quantidade de trabalhadores, migrantes de várias partes do Brasil, que vieram motivados pela oportunidade de emprego em uma das últimas grandes hidrelétricas construídas durante a Ditadura Militar. A Itaipu começava a sair do papel como um projeto de hidrelétrica binacional, firmada a partir dos acordos entre Brasil e Paraguai para aproveitamento dos recursos hídricos do Rio Paraná.

No Brasil, os impactos da construção da usina foram sentidos pelos moradores de oito municípios¹, afetados pelo projeto de represamento das águas do Rio Paraná para formação do reservatório da usina. A maior parte das áreas alagadas era de produção agrícola, mas espaços urbanos como escolas, igrejas e cemitérios também foram atingidos. O processo de desapropriação durou quatro anos e as populações foram indenizadas, num processo contraditório que colocou em primeiro plano os interesses econômicos de exploração da terra. Os povos indígenas Guarani que habitavam as margens do rio foram expulsos de seus territórios, algumas famílias receberam as indenizações e partiram para outros locais, mas sob a liderança de Kambai Parãrãwypoty, os Guarani se organizaram para ocupar a terra. Hoje, o espaço que têm disponível não é suficiente para as sete comunidades que habitam o local, numa pequena faixa de terra entre o rio e os latifundiários (BRIGHENTI, OLIVEIRA, 2020, p. 12-14).

Considerando apenas o lado brasileiro foram mais de 42 mil pessoas afetadas pelo alagamento das terras (RIBEIRO, CASSULI, FRASSÃO. 2012. p.7). Essas pessoas migraram para outras regiões no próprio município, para outros estados e inclusive outros países. A

¹ Além de Foz do Iguaçu, os outros municípios afetados foram: Guaíra, Terra Roxa, Marechal Cândido Rondon, Santa Helena, Matelândia, Medianeira e São Miguel do Iguaçu.

construção da usina impulsionou um processo de êxodo rural, pois muitas pessoas que trabalhavam no campo tiveram que migrar para os espaços urbanos na procura de condições materiais para sustentar a família.

Podemos perceber que a construção da usina ordena dois movimentos migratórios. Num sentido, as pessoas são expulsas de suas terras, sendo obrigadas a mudar para outros locais. Em outro movimento, trabalhadores de todo o país são motivados a vir trabalhar na obra. Em Foz do Iguaçu, a construção de Itaipu e a migração em massa para a cidade mudaram relações tradicionais e impactaram o espaço urbano.

Em 1975 começam os trabalhos da primeira fase de construção da usina. Para desempenhar as atividades, foram organizados dois consórcios, um brasileiro e um paraguaio, formado por empresas de engenharia, que firmaram contrato com Itaipu para cumprir os prazos e evitar que ocorressem atrasos. No lado brasileiro, o consórcio UNICON foi responsável pela primeira etapa da construção e pelo processo de contratação dos trabalhadores. Como essas pessoas ouviam falar de Itaipu e quais fatores as motivaram na trajetória a Foz do Iguaçu?

Alguns trabalhadores vinham por agenciadores que procuravam pessoas que trabalhavam em barragens próximas de finalizar. Nas rádios, a população recebia informação dos cargos e valores do salário. Além disso, havia também agenciadores falsos que se aproveitavam das pessoas que precisavam do salário e cobravam um adiantamento para contratá-los, depois a vítima do golpe era abandonada em uma cidade qualquer. (UEDA, 2019. p.29)

No lugar de construção da usina, foi montada uma grande estrutura para receber os trabalhadores. O espaço do canteiro de obras contava com alojamentos, refeitórios e espaços de lazer. Acompanho a perspectiva de Eduardo Ueda (2009) e Odirlei Manarin (2008) em observar esses espaços como parte de uma “engenharia social” construída por Itaipu para manter maior controle sobre os trabalhadores e garantir as longas jornadas de trabalho que mantinham o ritmo de produção no canteiro de obras seguindo dia e noite. Junto a esse processo, entre 1974 e 1979 foram construídas três vilas residenciais em Foz do Iguaçu para abrigar os trabalhadores de diferentes cargos. Estas vilas foram organizadas de forma hierárquica, a Vila A “destinada para os técnicos e funcionários administrativos”, a Vila B “destinada para os administradores e engenheiros” e a Vila C “destinada para os operários e trabalhadores em postos de serviços” (RAMÉ, 2019. p. 10-11). As moradias da Vila C, uma vila operária, foram construídas pensando na demolição após finalizada a construção da usina,

mas em 1991, a mídia local e a prefeitura apontaram problemas de moradia e então a empresa cedeu a estrutura para o município e as casas foram vendidas aos moradores.

De acordo com os dados do IBGE apresentados por Manarin (2008, p. 28), a cidade de Foz do Iguaçu possuía, na década de 1960, aproximadamente 28 mil habitantes. No início da década de 1970, pouco mais de 33 mil habitantes. Em 1975, com o início das obras de Itaipu, a região presenciou uma rápida expansão populacional. No início da década de 1980, a população de Foz havia saltado para mais de 130 mil habitantes, chegando nos anos 90 com mais de 190 mil. Notadamente, é a busca de 28 empregos na obra de Itaipu que proporciona esse rápido crescimento demográfico na região. (UEDA, 2019. p. 28)

Aparecida Darc Souza (2009) apresenta como esse movimento da migração foi sentido pelos moradores da cidade, pois os preços de casas e terrenos aumentaram muito e havia alta especulação imobiliária. As pessoas que trabalhavam para Itaipu contavam com benefícios como: moradia, hospital, escola, transporte e até comércio com preços mais baixos. Enquanto isso, os moradores mais antigos e as pessoas que vinham para a cidade e não conseguiam ser empregadas viviam em bairros periféricos, com condições de moradia vulneráveis. Isso provocou experiências discrepantes na cidade, a partir das quais os moradores compartilham visões diferentes sobre o significado da usina e a forma como as mudanças foram sentidas.

Itaipu ao mesmo tempo que constrói, destrói. É um monumento da modernidade erguido sobre ruínas: lugares de sociabilidade e espaços de memória que foram inundados, imersos pelas águas. Além disso, destruiu as relações tradicionais construídas pelos moradores da cidade e reconfigurou o espaço urbano para atender aos requisitos da obra. Assim como outras obras de engenharia de grande porte, a construção da usina modificou a natureza e os ecossistemas da região onde foi instaurada. Nenhuma etapa da construção deu-se sem conflitos. As populações que foram expulsas de suas terras reivindicaram os valores da indenização e várias comunidades guarani articularam-se para reapropriar-se de territórios ancestrais. No canteiro de obras, o ritmo de trabalho e as condições salariais foram fatores determinantes na articulação dos trabalhadores em duas greves em 1987 (MANARIN, 2008 p.97-99). Na cidade, durante a construção, o aumento repentino da população gerou consequências como a especulação imobiliária e péssimas condições de moradia².

² A tese de Maria Aparecida Darc **Formação econômica e social de Foz do Iguaçu** (2009) apresenta as transformações da cidade a partir da perspectiva dos moradores que estavam na cidade durante esse período.

Portanto, para Itaipu era importante investir na sua imagem e ter um controle sobre a narrativa durante as etapas da construção. Nessa narrativa, os trabalhadores eram centrais, pois foram eles que tornaram o empreendimento possível. No trabalho de Eduardo Ueda (2019), o autor identifica diferentes meios a partir dos quais a visão da empresa foi difundida: livros publicados, como “Itaipu: a Luz”, espaços de memória, como o “Espaço do Barrageiro” e periódicos institucionais que circulavam no canteiro de obras. A empresa atuou a partir do ocultamento das contradições entre os trabalhadores, passando a imagem de um espaço harmônico, onde brasileiros e paraguaios estavam empenhados em um objetivo comum. Nessa visão, sumiam as diferenças e as hierarquias do espaço de trabalho, forjando a ideia de um trabalhador homogêneo. O **barrageiro** foi um termo escolhido e empregado em diversos momentos pela empresa para contar a história desses trabalhadores.

Na dissertação de Georgeana França, “Barragens e Barrageiro” (2007), a autora demonstra como no lugar de construção de hidrelétricas as empresas empenham esforços em ações que procuram mitigar os danos causados por essas obras. Existe uma relação entre o social e o ambiental que envolve a construção das usinas na forma como territórios e regiões são reconfigurados. Por isso, o discurso produzido para justificar essas obras enfatiza tanto o desenvolvimento para a cidade. A autora também demonstra como a figura do barrageiro é elaborada a partir de uma produção de sentido entre os trabalhadores e a obra. O barrageiro é um termo homogêneo que abrange trabalhadores de diferentes funções na obra, portanto abrandando as diferentes posições hierárquicas que esses sujeitos ocupam no ambiente de trabalho. Outro ponto interessante trazido pela autora é como esta categoria se constrói a partir da alteridade, de uma relação com o outro: o barrageiro é o migrante, o que vem de fora. Mas no momento em que uma hidrelétrica está sendo construída, o termo pode ser utilizado de forma generalizada a todos os trabalhadores envolvidos.

Embora seja evidente a importância da figura do barrageiro para a história de Foz do Iguaçu, a questão desse trabalho está centrada na análise dos sentidos e usos do termo “barrageiro” pela Usina Hidrelétrica de Itaipu, em diferentes períodos. Neste trabalho a análise está delimitada no contexto brasileiro e de forma mais específica nos significados atribuídos à construção da usina na cidade de Foz do Iguaçu. A partir do presente, por exemplo, percebemos o esforço da empresa em instituir espaços de memória na cidade para contar a história das pessoas que foram empregadas na construção da usina. No *Espaço do Barrageiro*, dentro do PTI, e no *Ecomuseu de Itaipu*, a figura do barrageiro é utilizada para caracterizar de forma abrangente todos os trabalhadores da usina.

As entrevistas projetadas numa das salas desse espaço têm 40min cada, mas apenas alguns trechos são mostrados, recortes enquadrados na narrativa escolhida pela empresa. A empresa também contrata ex-trabalhadores para acompanhar os turistas e participar de alguns eventos especiais contando causos da época da construção. O barrageiro como personagem também aparece dentro do circuito turístico de visita da Itaipu: no painel de Poty Lazzarotto intitulado *O Barrageiro* e na escultura do *Homem de Aço*. Nesses espaços, o barrageiro é um personagem do cotidiano no canteiro de obras³ na época da construção. Sua relação com a rotina de trabalho é harmoniosa, pois é o sujeito que trabalha em qualquer condição para manter o ritmo de produção, um rosto em meio a uma massa de rostos, um entre muitos que enfrentaram as filas para contratação.

O termo, portanto, vem sendo utilizado pela empresa na construção de uma narrativa hegemônica. Como mostrado por Pollak (2019), as memórias coletivas estão em disputa. Os fatores que um grupo social seleciona para construir sentido e dar coerência ao grupo estão em constante processo de negociação. A maneira como a figura do barrageiro aparece nesses espaços está de acordo com uma narrativa institucional. No site da Itaipu, encontramos a forma como a empresa conta sua história, dividida em três tópicos:

Figura 1: “Nossa história”. Recorte do site da Itaipu Binacional.



Fonte: Itaipu. <<https://www.itaipu.gov.br/nossahistoria>> Acesso em 23 mai. 2023.

³ Canteiro de obras é uma forma de se referir a toda estrutura montada pelos consórcios durante a construção da obra (1974-1984). Além do espaço de trabalho, incluía: alojamentos, refeitórios, hospital, comércio e áreas de lazer.

O primeiro tópico, “Desafio Humano”, remete ao período da construção e tem os marcos temporais de 1973 a 1982. O tempo está organizado de acordo com as etapas da construção, com dois grandes marcos sendo a construção do Canal de Desvio⁴ e o fim das obras na barragem. O segundo pilar dessa história, intitulado “Desafio Energético”, situa Itaipu como um projeto da modernidade, destacando a obra como um domínio do homem sobre a natureza através do aproveitamento dos recursos do Rio Paraná para responder às demandas de uma sociedade industrializada, que exigia maior consumo de energia elétrica. Os números ganham bastante destaque, aparecendo enumerados os recordes batidos na produção de energia elétrica. A última parte, “Desafio Diplomático”, projeta para o passado essa história e situa Itaipu como resolução pacífica de um conflito diplomático entre Brasil e Paraguai que já se apresentava desde o século XVIII, pela posse do território do Salto das Sete Quedas. Dentro desta narrativa, a Ata do Iguazu⁵ torna-se a declaração da união dos dois países, imagem constantemente reforçada através dos canais de comunicação da empresa.

Aspectos dessa narrativa já foram analisados em outros trabalhos, Odirlei Manarin (2008) e Aparecida Darc (2009) apresentam a forma como a empresa enfatiza as etapas da construção, uma narrativa composta de números e recordes de produção. Nessa narrativa, a Itaipu tem o aspecto de uma epopeia, um destino comum a trabalhadores brasileiros e paraguaios empenhados na construção de uma obra monumental, em nome do progresso e do desenvolvimento dos respectivos países. A Itaipu se coloca como um sucesso diplomático entre Brasil e Paraguai, a união de dois povos em prol do mesmo objetivo.

Esses elementos instigaram o olhar para o passado para procurar a historicidade desse termo: quem é o barrageiro? Odirlei (2008) já aponta para a importância de entender o termo a partir de suas mudanças, não como uma categoria estática. Eduardo Uueda (2009), a partir das entrevistas realizadas para seu trabalho de monografia, perguntou aos entrevistados se estes identificavam-se como “barrageiros” e as respostas foram variadas a depender do perfil do sujeito.

⁴ Antes da construção da barragem foi necessário construir um canal de desvio para alterar o trajeto do Rio Paraná. Esta foi uma das primeiras etapas da obra, quando Itaipu ainda aparecia como um projeto em construção. O feito foi amplamente divulgado como um domínio do “Homem” sobre o Rio Paraná.

⁵ A Ata do Iguazu foi um documento assinado em Foz do Iguazu pelos Ministros das Relações Exteriores do Brasil e do Paraguai que atesta o acordo de aproveitamento dos recursos hidráulicos do Rio Paraná: “desde e inclusive o Salto Grande de Sete Quedas ou Salto do Guaira até a foz do rio Iguazu.” No documento já está prevista de forma prévia o direito de venda da energia elétrica por qualquer um dos países “a preço justo”. E ainda por cima declara o tom das relações entre Brasil e Paraguai dali por diante: “os dois Chanceleres, pelo espírito construtivo que prevaleceu durante as conversações e formularam votos pela sempre crescente e fraternal união entre o Brasil e o Paraguai, comprometendo-se ainda a não poupar esforços para estreitar cada vez mais os laços de amizade que unem os dois países.”

A partir de 2019, comecei a participar do projeto de extensão “Memórias Subterrâneas: produção de acervo e espaços de diálogo sobre cotidiano, violência e resistência dos trabalhadores de Foz do Iguaçu”. Na primeira etapa do projeto buscamos identificar as narrativas sobre os ex-trabalhadores de Itaipu presentes nos Espaços da cidade, visitamos o Ecomuseu de Itaipu e o Espaço do Barrageiro. Nesses espaços, a história contada por Itaipu destaca a proporção da obra. Números como a quantidade de trabalhadores, o tamanho da estrutura e os recordes de produção de energia produzem no visitante essa sensação de grandiosidade, de algo cujas dimensões escapam ao olhar.

Nos momentos em que aparecem os rostos dos trabalhadores e seus relatos, percebemos que os trechos selecionados são recortes que corroboram essa narrativa. No canal do Parque Tecnológico de Itaipu, o leitor pode ter acesso aos vídeos que compõem parte da exposição do Ecomuseu de Itaipu sobre o barrageiro, esses vídeos intitulados “Causos dos Barrageiros” trazem curtas histórias do cotidiano do trabalho na usina⁶.

O principal objetivo do projeto de extensão era a construção de um acervo dinâmico, público e acessível das histórias desses trabalhadores. Quando chegamos na etapa de contato com o público, realizamos uma roda de conversa com ex-trabalhadores. Nesse evento estavam presentes pessoas que atuaram em diferentes cargos e cujas experiências na construção da usina chegavam a ser contrastantes, houve momentos de disputas de narrativas e momentos de sensibilização⁷. A partir desse contato foram realizadas também entrevistas individuais. No espaço da casa dos entrevistados, os momentos de entrevistas tornaram-se também um momento de afetos e trocas.

Nas entrevistas realizadas para o projeto, perguntamos se esses sujeitos se identificavam como barrageiros. As respostas foram variadas, com alguns trabalhadores respondendo com entusiasmo, pois tornando-se barrageiro em Itaipu puderam ter uma vida melhor na cidade, e outros trabalhadores que demarcaram uma ruptura dizendo que sim, foram barrageiros, mas que hoje não são mais. No trecho de uma entrevista com Adenival⁸,

⁶Os vídeos estão disponíveis em: Título: Causos dos Barrageiros Itaipu. Transmídias PTI. 25'47". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R4foHsv5rCY&t=9s>> Acesso em 26 mai. 2023

Título: Espaço do Barrageiro - Causos dos Barrageiros. Transmídias PTI. 22'16". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bTuHIYGe1OU>> Acesso em 26 mai. 2023

⁷ O projeto de extensão tem alguns resumos e relatórios publicados em eventos que trazem com mais detalhes as atividades desenvolvidas, os desafios enfrentados e os resultados.

MENDES, Inaiara Lôbo et al. Memórias subterrâneas: produção de acervo e espaços de diálogo sobre cotidiano, violência e resistência dos Trabalhadores de Foz do Iguaçu. 2019. Disponível em: https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5233/IISIEPE_%20%2032-35.pdf?sequence=1&isAllowed=y

⁸ Adenival nasceu em Minas Gerais, em 1954 e veio para Foz do Iguaçu em 1975, por incentivo de um amigo para trabalhar em Itaipu. Seu primeiro emprego na UNICON foi em 1981, onde trabalhou até 1983, quando

disponibilizada por Eduardo Ueda para o projeto, há um trecho em que ele responde sobre a identificação com o termo barrageiro:

“Não, eu não sou. Eu sou contra a forma de barrageiro, da vivência de barrageiros, já trabalhei lá no canteiro de obras e tudo, mas eu não me considero barrageiro não. Eu sou um cara mais estável, não sou de... Não sou barrageiro, porque barrageiro é um cara... Vai migrando de uma cidade para outra, não pode ver carta de que tem uma barragem que ele ta correndo atrás.”⁹

Essas diferentes respostas demonstram uma dinâmica entre ser e tornar-se barrageiro e também sobre a aplicação do termo. Para Adenival, por exemplo, ser barrageiro tem mais a ver com um grau de especialização de trabalho em barragens e sobre um estilo de vida do que a atuação na usina, preferindo identificar-se como trabalhador da construção civil.

Como resultado dessas atividades, percebemos que o termo barrageiro não era suficiente para contar as histórias das pessoas envolvidas e afetadas pela construção de Itaipu. Este processo não envolvia apenas os ex-trabalhadores, mas suas famílias: esposas, filhos e parentes. Também é importante falar das mulheres que atuaram na construção em diferentes cargos, desde secretárias, auxiliares de serviços gerais e professoras.

Assim, procurei trabalhar com fontes produzidas pela Itaipu para observar os sentidos que foram sendo atribuídos pela empresa ao termo, a forma como ele veio sendo utilizado em momentos distintos. A principal fonte foi o Informativo UNICON, um periódico do consórcio de empreiteiras responsável pela obra, publicado durante a construção da usina, direcionado aos trabalhadores e de tiragem quinzenal.

O Informativo faz parte do acervo da Biblioteca da Itaipu e tem sido utilizado em pesquisas recentes sobre a Itaipu e os trabalhadores, como nas pesquisas de Milena Mascarenhas (2011), Odirlei Manarin (2008) e Eduardo Ueda (2019). Neste trabalho utilizei uma versão digitalizada das edições que faz parte do acervo do projeto de extensão “Memórias Subterrâneas”, o material está sendo organizado e futuramente estará disponível através do site do projeto. Além do Informativo, também construímos a análise a partir dos espaços de memória de Foz do Iguaçu.

É pertinente agora demonstrar de que maneira o Informativo Unicon tornou-se fonte dessa pesquisa. Afinal, o documento existe por si só, mas é o historiador que, através do

conseguiu um emprego na construtora Taquaruçu. Durante sua experiência na construção civil ajudou a fundar o SITRACOCIFOZ (Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil de Foz do Iguaçu).

⁹ DUTRA, Adenival do Carmo. Entrevista concedida a Eduardo Gonçalves Ueda. Foz do Iguaçu, 05/05/2019.

método de trabalho escolhido, seleciona e transforma o documento em fonte. Os conteúdos analisados a partir das publicações incluem capas, editoriais, crônicas, matérias, poemas, entrevistas e imagens. Esse material foi catalogado e analisado de acordo com suas especificidades. O informativo permitiu observar de que formas a empresa tem se apropriado do termo ao longo do tempo.

O recorte escolhido foi de 1978-1980, este período refere-se aos primeiros anos de publicação do Informativo, enquanto está se estabelecendo como meio de comunicação no canteiro de obras. O Informativo torna-se um canal de comunicação entre a instituição (Itaipu e UNICON) e os trabalhadores propagando o perfil de um “trabalhador ideal”. Nesse período a principal obra que está sendo feita é o Canal de Desvio do Rio Paraná, então temos muitas matérias que acompanham as etapas da construção e os recordes alcançados. É nesse momento que o projeto de Itaipu começa a aparecer como uma realidade, pautando a sua importância para o país: do mito à realidade (MANARIN, 2008, p.23).

Na dissertação de Milena Mascarenhas, a autora enfatiza o papel do Informativo Unicon como um canal de divulgação do “discurso oficial da Itaipu/Estado e das Construtoras” (2011, p.45). Um discurso desenvolvimentista que procurou ocultar os conflitos que aconteceram durante a construção da usina para legitimar a importância de Itaipu. O Informativo esteve alinhado ao conjunto de interesses do “bloco Itaipu Binacional” representado pelo “poder executivo do governo, as construtoras e o aparato militar do Estado” (2011, p.14). Durante o desenvolvimento do trabalho, o periódico é analisado como um material produzido pelo Consórcio das empreiteiras, mas que compartilha dos mesmos interesses do grupo representado pelos administradores da empresa, assim como está de acordo com o discurso dos governantes do período.

O objetivo principal deste trabalho é a investigação da historicidade do termo “barrageiro” no contexto da construção de Itaipu, circunscrito no campo de significados que assumiu na cidade de Foz do Iguaçu. Os objetivos secundários envolvem, num primeiro momento, a identificação dos discursos institucionais que se apropriam do termo “barrageiro”. Um outro ponto é o mapeamento das características atribuídas ao termo, pois nos meios de comunicação da empresa, este foi utilizado para atribuir valores e significados do tipo de um trabalhador ideal.

Esta visão crítica do termo “barrageiro” acompanha o debate que tem sido feito a partir de publicações recentes. Uma visão sobre o barrageiro é projetada a partir da instituição Itaipu Binacional e passa a tornar-se uma figura comum associada aos sujeitos que trabalharam na usina. Parte dessa visão institucional foi adquirindo o aspecto de uma memória

comum, cristalizada a partir dos trabalhos de memorialistas, criando significados que atravessaram as perspectivas de historiadores interessados na história da cidade e no cotidiano e luta desses trabalhadores. Alguns trabalhos mais recentes, como o de Odirlei Manarin (2008) e Eduardo Ueda (2019), apresentam uma nova perspectiva ao questionar essas visões comuns e o próprio termo barrageiro e seus significados.

Minha trajetória de pesquisa aproxima-se dessas novas perspectivas, buscando historicizar o termo barrageiro. Barrageiro é uma palavra que evoca sentidos que tem a ver com migrações, urbanização, progresso e modernidade. Durante a construção de Itaipu, a empresa escolheu esse termo para dialogar com os trabalhadores. Através dele foi atribuindo características próprias que foram acentuadas para construir a figura de um trabalhador exemplar. Por isso o Informativo Unicon tornou-se uma interessante fonte de pesquisa, pois foi um dos canais pelos quais a empresa manteve esse diálogo. É também através de matérias no Informativo que a Itaipu vai estabelecendo os marcos da própria história, acompanhando as etapas da construção da usina.

A análise apropria-se de conceitos da História Cultural, o conjunto das fontes permite observar o “barrageiro” como representação das experiências de um grupo que foram apropriadas e utilizadas pela Itaipu. Sandra Jatahy Pesavento em seu livro *História e História Cultural* (2003, p.5), aborda que “indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”. Nesse caso, a figura do barrageiro procura sintetizar os modos de vida e trabalho dos sujeitos que atuaram na obra. As representações são resultado “dos processos de disputa e conflito da memória social” (GONDAR, 2005, p. 23), para entender o processo pelo qual a memória institucional contada por Itaipu adquire o aspecto de uma “memória oficial” vamos dialogar com o conceito de “enquadramento de memórias” abordado por Pollak (1989).

Também iremos dialogar com os conceitos de identidade e identificação, como apontado no trabalho de Georgeana França (FRANÇA, 2007), as construtoras de hidrelétricas fazem um trabalho de elaboração de sentido entre os trabalhadores e a obra. Essa relação busca diminuir os danos causados pelas hidrelétricas, como desapropriação de agricultores de suas terras, deslocamento das populações indígenas e alagamento de territórios.

A pesquisa seguiu a hipótese de que os esforços recentes de Itaipu na construção de espaços de memória sobre o “barrageiro” fazem parte de um processo mais longo de manutenção de uma memória sobre a história dos trabalhadores e trabalhadoras de Foz do Iguaçu, mais especificamente, os que estiveram envolvidos na construção da usina. Esses espaços fazem parte das medidas da empresa de projetar a sua importância na cidade e contar

uma história que diminui os conflitos e as consequências de um projeto que afetou negativamente a vida das pessoas que viviam no campo e das populações indígenas (DARC, 2009). Sem contar o impacto negativo que o crescimento urbano acelerado causou na cidade, como o aumento da desigualdade social e a dificuldade de moradia para muitos habitantes.

O trabalho está separado em três capítulos. O primeiro capítulo traz uma análise dos marcos da construção da usina, observando a narrativa de Itaipu como meta e destino, uma epopeia. Ao mesmo tempo, olhando para a figura do barrageiro nessa narrativa, na forma como busca homogeneizar todos os trabalhadores num destino comum: a meta que é Itaipu.

No segundo capítulo apresentamos o barrageiro como a figura de um trabalhador ideal. O Informativo se utiliza dessa abordagem através de entrevistas em que destaca as qualidades que seriam mais importantes ao trabalhador da UNICON, sempre tendo em vista a produção. Nesse processo o barrageiro torna-se figura importante na construção dos marcos da história contada por Itaipu, pois sem a força e trabalho desses sujeitos os recordes que são constantemente noticiados não seriam possíveis. O jornal estimula o ritmo do trabalho e a competição entre os turnos. O trabalhador ideal conforme aparece no Informativo seria: um sujeito disponível o tempo todo para o trabalho na usina, contente com os benefícios que recebe da UNICON, um peão anônimo, cristão e patriota.

Por fim, no terceiro capítulo apresentamos as representações em torno da figura do barrageiro. Como essa identidade é construída a partir de manifestações culturais feitas pelos próprios trabalhadores e de outras pessoas, como por exemplo, o mural feito pelo artista Lívio Abramo em homenagem aos operários que trabalharam na usina. Este é um debate em torno da manutenção da memória, por isso também procuro relacionar com as representações em espaços hoje da cidade.

1. ITAIPU, UMA EPOPEIA

Figura 2: Operários do Consórcio UNICON posam para a foto após concluída a construção do Canal de Desvio



Fonte: Informativo UNICON. Ano III, nº57 , Canteiro de Obras de Itaipu, 6 out. 1980. p.8)

A imagem que abre este capítulo nos apresenta os trabalhadores do consórcio UNICON ao fim da construção do Canal de Desvio. A construção de Itaipu se deu por etapas, cada etapa tinha uma lógica organizacional que ordenava a quantidade de trabalhadores contratados e o ritmo de produção no canteiro de obras para atender aos prazos estipulados pela Binacional. A conclusão do Canal de Desvio dentro do prazo foi celebrada pela empresa, pois a partir da alteração do curso do Rio Paraná seria possível iniciar as obras da barragem principal. A fotografia procura capturar o espírito deste momento: os trabalhadores posicionados lado a lado, com ferramentas de trabalho nas mãos, em frente à estrutura do Canal, alguns com os braços erguidos para celebrar a conquista.

Esta imagem foi retomada no aniversário de cinco anos do Consórcio UNICON e publicada no Informativo institucional criado pelo próprio consórcio que circulava entre os trabalhadores. Na legenda escolhida pelo jornal lê-se: “Um pouco antes do desvio, o orgulho dos operários por uma etapa vencida.”¹⁰

No texto que acompanha a fotografia temos uma espécie de verbete que fala sobre o barrageiro:

¹⁰ Informativo UNICON. Ano III, nº57 , Canteiro de Obras de Itaipu, 6 out. 1980. p.8.

Barrageiro é um neologismo (palavra nova) já inserido no contexto das obras onde se constroem barragens. Barrageiro é aquele que não tem parada: vai de um lugar a outro sempre por caminhos que o levam a nova barragem.¹¹

Em poucas linhas, o trabalhador da UNICON é definido por esta categoria, o barrageiro, e os sentidos que vêm associados a ela: o imigrante, o trabalhador cuja trajetória de vida é definida pelo ciclo das obras. O tempo do barrageiro é o tempo da construção da usina. O seu caminho o leva sempre ao mesmo destino: outra barragem. Esta definição naturaliza acontecimentos que envolvem o trabalhador e produzem sentido para suas trajetórias a partir da usina. Por outro lado, entre a chegada e a partida de um trabalhador migrante numa cidade, existem diferentes processos: a motivação desse sujeito em sair da sua cidade, o modo como ele se estabelece num lugar diferente, a sua rotina de trabalho e as possibilidades que surgem ao fim da obra. Esse caminho bem definido do barrageiro que aparece no Informativo oculta os conflitos que atravessam a vida desses sujeitos. Na própria Itaipu, ao fim de cada etapa da obra, o medo da demissão tornava a vida desses sujeitos incerta e as condições de trabalho a que os trabalhadores estavam submetidos levou à organização de duas greves.

O texto continua de uma forma em que diferencia a Itaipu de outras barragens:

“Dentro do Canteiro ou nos conjuntos habitacionais o tratamento que o barrageiro recebe está decididamente voltado para seu bem-estar social: residências, hospitais, escolas, clubes, quadras de esportes, parques, promoções culturais, etc., mostram o nível de preocupação que se tem pelo homem em Itaipu.”¹²

Ao mesmo tempo que o texto inclui o barrageiro no contexto de outras obras, elabora um lugar especial para a experiência em Itaipu. Seguindo essa narrativa, aqui ele se torna um trabalhador privilegiado pela infra-estrutura construída no canteiro de obras para atender aos que trabalham na usina e às suas famílias. Buscando legitimar essa visão da empresa, o Informativo em vários momentos destaca trabalhadores que exaltam a assistência recebida por Itaipu a partir de entrevistas e premiações.

Se voltarmos o olhar para a imagem, podemos perceber que a fotografia não é um registro do trabalho corriqueiro no canteiro de obras, ela foi produzida com a intenção de representar um momento. O Informativo Unicon transforma a conclusão de cada etapa em um

¹¹ Ibid., p. 8.

¹² Ibid., p. 8.

marco celebratório, em que a rigidez e o controle exercidos para cumprir as metas diárias tem seu valor recompensado na obra que vai tomando forma. A grandiosidade da obra é visível a partir de um contraste entre os corpos dos trabalhadores e as dimensões da estrutura do Canal de Desvio ao fundo. Nesta imagem vemos os trabalhadores como um grupo unido e harmonioso. Os sorrisos nos rostos e a liberdade nas expressões, com diferentes gestos, braços erguidos, capacete e ferramentas de trabalho em mãos, transmitem a aparência de uma satisfação com a rotina de trabalho. Estes elementos revelam o olhar do fotógrafo montando o melhor enquadramento, criando um registro histórico.

De forma semelhante, o Informativo Unicon é uma interessante fonte para pensar como o termo “barrageiro” começa a ser utilizado pela Itaipu para celebrar a figura dos trabalhadores que atuaram na obra. Assim como o fotógrafo cria um marco visual para o fim de uma das etapas da construção, o Informativo Unicon, através de suas páginas, estabelece um diálogo com os trabalhadores enquadrando práticas e valores da empresa, organizando os acontecimentos para tornar-se documento da história de Itaipu.

1.1. O INFORMATIVO UNICON COMO FONTE HISTÓRICA

O Informativo Unicon foi um periódico criado pelo Departamento de Bem Estar Social da Itaipu publicado entre 1978 a 1988, com tiragem quinzenal máxima de 20.000 cópias¹³. Cada edição do Informativo contava com oito páginas de conteúdo impresso em preto e branco e mais oito páginas do mesmo conteúdo traduzido em espanhol. O Informativo se manteve como uma publicação bilíngue até dezembro de 1982, a partir desse período deixou de trazer a versão traduzida. Entre 1978 e 1980, o Informativo manteve uma periodicidade quinzenal, mas ao longo dos anos de publicação essa periodicidade também passa por alterações que foram justificadas pela equipe editorial como uma adaptação “às circunstâncias da obra”¹⁴.

A origem do Informativo veio da junção de dois periódicos: o “Esperança” (Paraguai) e “O Vilão” (Brasil)¹⁵. O folhetim continha matérias em português e espanhol, tendo em vista alcançar trabalhadores brasileiros e paraguaios contando sobre fatos selecionados do cotidiano

¹³ A partir dos dados de publicação, como os números de tiragem que estão impressos junto ao editorial do Informativo Unicon, percebemos que as primeiras edições tiveram tiragens mais baixas, mas já no primeiro ano de publicação chegaram às 20.000 cópias que variavam de acordo com as edições. Nos últimos anos de publicação, esses números já são menos expressivos, a última edição do Informativo, por exemplo, teve apenas 4.000 cópias. Esses números correspondem à quantidade de trabalhadores envolvidos em cada etapa da obra e o público alvo do jornal.

¹⁴ Informativo Unicon. Ano XI, nº 131, Canteiro de Obras de Itaipu, março de 1988.

¹⁵ Informativo UNICON. Ano II, nº 41, Canteiro de Obras de Itaipu, 31 jan. 1980. p.2

do canteiro de obras. A sede do jornal ficava na Vila C, bairro do lado brasileiro e as matérias tinham maior foco nos acontecimentos deste lado, com alguns avisos e textos esporádicos direcionados aos paraguaios¹⁶. A equipe de redação contou com um nome fixo ao longo de todos os anos de publicação: José Melquíades Ursi. Durante o trabalho no Informativo, ele atuou em diversas funções como “repórter, redator, fotógrafo, laboratorista, diagramador, pastapeiro” (DE OLIVEIRA FILHA, 2017, p.3). Em entrevista concedida a Elza de Oliveira Filha, Ursi fala sobre como o material produzido pelas empreiteiras era analisado e aprovado pela administração da empresa:

No caso do Informativo Unicon, segundo Ursi (2015), “as definições de conteúdos cabiam basicamente à direção do jornal e a seus colaboradores. No entanto, os textos eram revistos por chefes de departamentos e superintendentes dos setores administrativos, a cada edição. Cabia também a eles acatar a sugestão de pautas encaminhadas por técnicos de vários departamentos”. (DE OLIVEIRA FILHA, 2017, p.12)

Neste trabalho escolhemos analisar as edições publicadas entre 1978 e 1980, contabilizando 61 edições que correspondem aos primeiros anos de publicação do Informativo. Este recorte abrange um momento de transição, em que a Itaipu, como um projeto idealizado, começava a tornar-se uma realidade pautada no concreto. As matérias estão organizadas no Informativo de acordo com as etapas da construção da usina, portanto, a conclusão do Canal de Desvio em outubro de 1978, seguido pelo início da construção da barragem principal, são marcos temporais importantes. Além disso, nos primeiros anos de publicação podemos observar a forma como a equipe editorial foi experimentando linguagens para construir o diálogo com os trabalhadores.

O jornal como fonte histórica foi por muito tempo visto com maus olhos, como uma fonte de viés ideológico. Uma fonte que atende aos interesses da grande mídia, ou cujas informações estão de acordo com as opiniões de patrocinadores. O movimento da História Nova representado pela Escola dos Annales contribuiu para uma mudança de perspectiva a partir da qual a imprensa deixou de ser vista como suspeita e passou a ser analisada como documento-monumento (LE GOFF, 2003, p.536). Dessa maneira, tornou-se importante perceber a forma como a imprensa é produzida, suas intenções e as relações de poder nela envolvidas. Ao historiador torna-se essencial entender a imprensa em sua complexidade para

¹⁶ A partir de outubro de 1978, é anunciado no Informativo a publicação de um periódico paraguaio, intitulado CONEMPA REMIANDU, que leva no título o nome do consórcio da margem direita (Paraguai).

assumir perante a fonte: “uma atitude crítica frente à memória por ela instituída e fazer emergir de nossos trabalhos outras experiências, vozes e interpretações, que dêem visibilidade a outras histórias e memórias.” (DE FARIA DA CRUZ, DA CUNHA PEIXOTO, 2007, p.260)

O Informativo Unicon é um jornal institucional e, como tal, está organizado de uma forma que atende aos interesses de uma empresa. O diálogo que ele estabelece com os trabalhadores tem uma ordem bem definida e hierarquizada. A narrativa está alinhada com os valores da empresa, as metas estabelecidas e o posicionamento político no contexto de uma Ditadura Militar. A escolha dessa fonte para investigar o termo barrageiro parte do interesse de catalogar um repertório de significados criados em torno da imagem dos trabalhadores que atuaram na usina. Como vimos, essa visão institucional tornou-se vigente na forma de referir-se aos trabalhadores e nos espaços de memória criados pela própria empresa em Foz do Iguaçu. Como essa visão institucional tem mais meios para propagar uma história dos trabalhadores, essa vai se tornando uma memória cristalizada de tal forma que torna-se parte do imaginário comum da população da cidade.

Na aproximação com a fonte, escolhi os primeiros anos de publicação do Informativo e, a partir da leitura de manchetes e enunciados, procurei identificar publicações onde aparecia o termo barrageiro. Estas publicações variam desde capa, editorial, fotografias, crônicas, eventos, entrevistas e poemas. Além disso, também sinalizei momentos no periódico que apontam para uma narrativa histórica pautada nos recordes e nas etapas da construção da usina, procurando investigar sentidos produzidos em torno da Itaipu.

Como apontado pelas autoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto: “A imprensa não se situa acima do mundo ao falar dele” (2007, p.258). Portanto, procuramos entender essa fonte como parte da realidade da qual faz parte, o canteiro de obras de Itaipu no momento em que mais de 30 mil trabalhadores produzem esforços para concluir o Canal de Desvio e iniciar as obras na barragem principal. É um momento em que Itaipu projeta-se como uma obra da modernidade, indicativo do progresso e desenvolvimento, tanto para o país, quanto para Foz do Iguaçu.

1.2. YAJHÁ: UMA MÍTICA DO PROGRESSO

Uma imagem da capa da primeira edição do Informativo permite perceber a variedade de assuntos abordados no jornal:

Figura 3: Capa da Primeira edição do Informativo Unicon.



Fonte: Informativo UNICON. Ano I, nº 1, Canteiro de Obras de Itaipu, 4 fev. 1978. p.1

Em destaque, **“YAJHÁ 1º de outubro”**, anuncia o andamento da construção do Canal de Desvio. As outras matérias contam dos vencedores de um torneio de “peladas”, uma reunião do grupo de escoteiros do Paraguai, uma matéria sobre os procedimentos de estudo das rochas do leito do Rio, uma chamada para participação numa corrida de pedestres, além de uma matéria contando da inauguração da COBAL na Vila C. O periódico procura trazer uma cobertura das diferentes atividades no canteiro de obras, dando um grande foco a eventos esportivos como campeonatos de futebol, damas e corridas. O destaque a esses eventos através de uma seção fixa publicada em todas as edições procura convidar os trabalhadores a ocupar o tempo livre nessas atividades com o objetivo de oferecer alternativas a outros atrativos como bares e casas de prostituição.

Os acontecimentos ao redor do canteiro de obras também são divulgados, como a exemplo da matéria que cita a Vila C. Com a inauguração de novos espaços de interesse dos moradores, como o Centro Comunitário¹⁷, um hospital e um centro de comércio, o Informativo fornece informações aos moradores sobre protocolos e atividades desenvolvidas nesses espaços. O Centro Comunitário da Vila C tornou-se um lugar onde eram ofertados cursos, haviam festivais em datas comemorativas, como festas juninas e natal. Portanto, é interessante pensar que o periódico circulava não apenas entre os trabalhadores, tinha um público alvo mais amplo, como suas famílias. O Informativo também trazia informações de eventos do município, como a programação do aniversário da cidade, sendo essa uma maneira de informar os trabalhadores de eventos que ocorriam também fora do canteiro de obras.

O periódico utiliza de diferentes elementos para se comunicar com o leitor: fotografias, ilustrações, entrevistas, poemas, crônicas, cartazes, tirinhas, tabelas, gráficos, protocolos de serviço, discursos institucionais e anúncios. Como era um jornal empresarial, os anúncios utilizados eram sempre de eventos organizados pela empresa, mas também aparecem anúncios de outros jornais parceiros do UNICON.

Durante o ano de 1978 a cada vez que uma etapa da obra era concluída o jornal produzia uma edição comemorativa. As edições comemorativas de um periódico geralmente “indicam movimentos explícitos de produção e atualização de memórias”. (DE FARIA DA CRUZ, DA CUNHA PEIXOTO, 2007, p. 260) Nestas edições não faltaram adjetivos para engrandecer o progresso de Itaipu. Para unir todos os trabalhadores no mesmo espírito também eram realizados festivais com atrações especiais e competições. Também é interessante a publicação de uma coluna especial que a cada quinzena detalhava as atividades de um cargo específico da obra, contando com entrevistas para dar todos os detalhes. Esse tipo de coluna é uma recorrência em jornais do tipo empresarial no objetivo de esclarecer procedimentos e organização da empresa. A forma como os relatos dos trabalhadores aparecem no jornal caracteriza o canteiro de obras como um espaço harmonioso e enfatiza a gratidão de trabalhar na obra.

Através da análise de algumas dessas edições é possível perceber a construção de um personagem típico para o informativo: um peão anônimo, cuja força de trabalho e o suor são suas maiores qualidades, cristão e patriota. Barrageiro.

¹⁷ O Centro Comunitário da Vila C foi inaugurado em abril de 1978 e funciona até hoje como o Conselho Comunitário. No início o local era um espaço voltado para a família dos operários que moravam na Vila C, principalmente para as mulheres e os filhos. No espaço eram desenvolvidas diferentes atividades: cursos, eventos em datas comemorativas, concursos e também quando necessário a Itaipu utilizava o espaço para fins burocráticos, como por exemplo, organizar a entrega de alimentos e outros serviços. Hoje o espaço atende toda a comunidade que reside no bairro, com atividades na área do ensino e eventos especiais.

O editorial da primeira edição retoma as palavras do superintendente de Itaipu, Francisco Fortes Filho, para descrever um sentimento que deveria guiar todos os trabalhadores naquele ano: YAJHÁ. O significado da palavra só seria explicado na segunda edição.

“Por que YAJHÁ? É uma palavra guarani que, entre outras coisas, significa: vamos, sigamos, avante! Mas a extensão de seu conceito foi traduzida com rara felicidade por Francisco Fortes Filho, Diretor Superintendente de nossa empresa, que a usou como sinônimo de união de forças e vontades indefessas (*sic*), na busca da grande meta que é Itaipu.”¹⁸

A escolha da palavra não é aleatória, assim como o próprio nome ITAIPU que é derivado do guarani e significa “pedra que canta”, a palavra YAJHÁ é transposta dos significados de sua própria língua para ser aplicada como lema do trabalho no canteiro de obras.

“YAJHÁ reúne os ideais destes dois povos irmãos; está na carga de dinamite que estraçalha as entranhas da terra; está no poder das máquinas vergando a resistência da natureza; está em cada construção que descreve o seu perfil substituindo os blocos de pedras; está na dedicação com que os diretores encaram as novas fases de produção; está nos cuidados dos diversos departamentos e setores para levar a bom termo os programas de trabalho; está no ruído incessante das máquinas e dos escritórios; está na caneta do engenheiro, no serrote do carpinteiro, na colher do pedreiro, na escova do limpador, na colaboração recíproca de todos os funcionários que dividem as duras jornadas e, sobretudo, está no gesto humilde do operário que enxuga a gota de suor que lhe escorre pela frente e retoma seus instrumentos de trabalho para continuar sua luta no anônimo exército do progresso.”¹⁹

Um sentimento que conecta todos os trabalhadores, de todos os cargos, desde os diretores até os peões. Podemos perceber nisso a tentativa de construir um sentimento de coesão entre os trabalhadores pautado na harmonia, mas também é necessário sinalizar que enquanto um jornal institucional, o Informativo Unicon está utilizando uma das características de publicações desse tipo. A construção de um sentimento comum entre o grupo cumpre ao

¹⁸ Informativo UNICON. Ano I, nº 2, Canteiro de Obras de Itaipu, 20 fev. 1978. p.2.

¹⁹ Ibid., p.2.

propósito da empresa de integrar os trabalhadores em direção a um objetivo comum (DE OLIVEIRA FILHA, 2017)²⁰.

a fim de demonstrar tudo o que é capaz de realizar esta **colméia gigante**, que se nutre da seiva de dois povos heróicos, reunindo seres privilegiados, cuja convicção de trabalho irá somando conquistas para o histórico dia em que a Represa de Itaipu traçar o seu perfil nas águas do rio Paraná.²¹

Conectados por YAJHÁ, em nome do progresso, as diferenças entre estes trabalhadores são apagadas. Os conflitos no canteiro de obras são ofuscados em nome dessa harmonia. Como pensar que um espaço que colocou em contato sujeitos de partes diferentes do país, em graus de hierarquia diferentes fosse sempre harmonioso?

A filosofia de YAJHÁ nesse contexto carrega consigo o ritmo incessante do trabalho na obra. AVANTE. Porque sob qualquer condição, frente a qualquer dificuldade, o trabalhador de Itaipu segue trabalhando para em tempo recorde entregar os resultados. É seu trabalho que o caracteriza.

- A partir de amanhã terei turno noturno...
- Eu continuo trabalhando de dia...
- Tenho ordem de fazer horas extras...

São os últimos comentários que revelam o interesse pelo trabalho entre esta turma, humilde grupo homogêneo que compartilha, harmoniosamente, suas horas de descanso e que, por diversas circunstâncias, trabalha na UNICON, para ser protagonista, com a soma de esforços da portentosa realidade que se aproxima : Itaipu.²²

1.3. “UMA OUSADA TRAVESSIA”: A CONSTRUÇÃO DE ITAIPU COMO UMA PROMESSA DE FUTURO

Em um texto de Lucia M. A. Ferreira sobre práticas discursivas nas investigações do campo da memória, a autora afirma que é necessário reconhecer as forças de poder que atuam

²⁰ “Palma sintetiza em quatro pontos as funções principais das mensagens veiculadas pelo jornalismo empresarial: informação, integração, educação e motivação. (...) O conteúdo integrativo comporta “mensagens destinadas a promover um sentimento comunitário entre os participantes da organização e em mantê-los coesos e harmonizados em torno de objetivos comuns” (PALMA, 1994, p.96).” DE OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida. Informativo Unicon: o desafio de um jornal empresarial no canteiro de obras de Itaipu. **Dito Efeito-Revista de Comunicação da UTFPR**, v. 8, n. 13, p. 1-16, 2017.p.4

²¹ Informativo UNICON. Ano I, nº 1, Canteiro de Obras de Itaipu, 4 fev. 1978. p.2. grifo do autor.

²² Ibid., p.6

no processo de *reconstrução de memórias*. Nos momentos de comemoração, a intenção é valorizar os elementos que sugerem uma coesão, em lugar de enfatizar contradições que podem apontar a ideia de distanciamento ou de conflito. Assim, entender a memória como um processo em construção é entender as forças que atuam entre o que é selecionado para ser lembrado e aquilo que é esquecido (FERREIRA, Lucia M. A, 2005, p. 108). Ao analisar o Informativo Unicon, percebemos uma construção narrativa que ordena o cotidiano no canteiro de obras a partir dos prazos estabelecidos para conclusão de cada etapa, tornando essas datas em momentos celebrativos com símbolos que sugerem a coesão entre os trabalhadores, tornando em homenagem aspectos que são até mesmo conflituosos para essa narrativa, como os acidentes de trabalho e as rotinas exaustivas para que cada turno alcançasse as metas.

No período de inauguração do jornal, estava no horizonte a construção do Canal de Desvio. A foto que utilizamos no começo do capítulo é um dos registros da conclusão dessa etapa e faz parte de uma série de matérias produzidas pela equipe do Informativo durante o período. Dentro do recorte que estamos analisando há dois marcos da construção da usina que servem como horizonte e a partir dos quais são organizadas as matérias no periódico, sendo eles: a construção do Canal de Desvio e as obras da barragem principal. A data do Desvio do Rio marcada para o dia 20 de outubro, foi antecipada durante todo o mês, movimentando o canteiro de obras com torneios de futebol e damas como algumas das atividades comemorativas²³. A conclusão do Canal de Desvio também marca um momento de transição, em que Itaipu deixa de ser vista apenas como um projeto e passa a ser erguida e materializada como potencial para o futuro energético do país (MANARIN, 2008, p. 22-23).

A edição de 30 de setembro trazia estampada na capa: “Desafio Vencido”²⁴. Na matéria principal, a jornada da construção de Itaipu foi caracterizada com um caráter mítico e também cristão: uma travessia que os trabalhadores enfrentavam juntos, retomando a mítica de Yajhá.

“Tal objetivo, então com silhuetas quiméricas, trazia implícita a convicção dos filhos de dois povos que, em harmônica interação de ideais e inspirados no mais autêntico patriotismo, haveriam de consagrar seus esforços, inteligências e talentos para vencer, mais unidos que nunca, os obstáculos próprios a uma ousada **travessia**.”²⁵

²³ Informativo UNICON. Ano I, nº 14, Canteiro de Obras de Itaipu, 20 set. 1978. p.6

²⁴ Informativo UNICON. Ano I, nº 15, Canteiro de Obras de Itaipu, 30 set. 1978. p.1

²⁵ Ibid., p.1. grifo do autor.

Na edição seguinte, um editorial intitulado “Um Rio Muda Seu Curso” traz a narrativa de Itaipu como uma epopeia, o destino para o qual mais de 30 mil trabalhadores sacrificam a força do trabalho.

O dia 20 de outubro de 1978 chega como prenúncio de um desses acontecimentos excepcionais. Indubitavelmente, traz consigo as mesmas cintilações que pairavam sobre as datas de 22 de junho de 1966 (Ata de Iguaçu), 17 de maio de 1974 (Instituição da Entidade Itaipu Binacional) e outras que, mercê da visão do futuro e sentimento de amizade de dois ilustres governantes, plasmaram a comunhão de duas nações para empreender uma **epopeia** com nome próprio: Itaipu.²⁶

Então, nas páginas do Informativo, a construção de Itaipu é transformada numa epopeia: uma narrativa “em que são narradas ações grandiosas e heróicas (...) e que também se caracteriza pela presença do maravilhoso, isto é, pelo impacto que as forças naturais exercem sobre o herói.”²⁷ Utilizando de variadas linguagens que vão desde fotografias a poemas, são acionados diferentes sentidos à trajetória da construção. Aliando o cronograma que precisa ser cumprido, cada etapa é um obstáculo a ser superado, mais um passo no domínio das forças humanas sobre a natureza, conforme expresso no seguinte editorial:

Hoje, os olhos do mundo convergem para um trecho do rio Paraná para contemplar a silhueta de uma obra portentosa que emerge das entranhas das rochas como o mais reluzente emblema dos 30.000 homens que juntaram suas ferramentas de trabalho para molhá-las no suor do sacrifício e dar testemunho de sua vocação de grandeza.

(...)

Rio Paraná: caudaloso, acidentado, vital. Um dos sete maiores rios do mundo que possui uma extensão de 4 mil quilômetros e uma Bacia Hidrográfica de três milhões de quilômetros quadrados. Hoje, o gênio criador dos homens consagrados numa tarefa de gigantes, como fato inédito no mundo, há de dobrar seu dorso para desviá-lo de seu curso natural e suas águas avermelhadas, como que ruborizadas de prazer, render-se-ão em respeitosa reverência ante o poder dos que conseguiram dominar seu legendário curso.²⁸

O discurso utilizado pelo Informativo Unicon, que transforma a construção da usina em uma epopeia, estava de acordo com o discurso difundido pela Ditadura Militar no período,

²⁶ Informativo UNICON. Ano I, nº 16, Canteiro de Obras de Itaipu, 18 out. 1978. p.2. grifo do autor

²⁷ EPOPEIA. In: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos Ltda 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/epopeia/>>. Acesso em: 02/02/2023.

²⁸ Informativo UNICON. Ano I, nº 16, Canteiro de Obras de Itaipu, 18 out. 1978. p.2

que repercutiu essas obras como grandes projetos nacionais. Os governantes deram continuidade ao discurso desenvolvimentista que ganhou forças nas décadas de 1950 e 1960, principalmente a partir do governo de Juscelino Kubitschek. A construção de Brasília tornou-se símbolo de uma nova era que se aproximava, de um país acumulando conquistas rumo ao desenvolvimento (FICO, 1997, p.76).

A construção da Transamazônica, durante o governo de Emílio Médici (1969-1974), foi um desses projetos envoltos no discurso nacional-desenvolvimentista de um “Brasil Grande” e a promessa de futuro da nação. Na dissertação de Fernando Menezes (2007, p.91)²⁹, o autor aponta “o enfoque na questão da aventura e do desafio” como um elemento recorrente nos discursos sobre a obra. A integração do território a partir da rodovia é associada a um imaginário de conquista, que associa os trabalhadores a pioneiros, que embarcam numa aventura rumo ao desconhecido: um “desafio tão grande como a epopéia do oeste para os Estados Unidos”³⁰.

De forma semelhante, quando o periódico faz alusão à travessia, expõe uma perspectiva progressista que fala não só da construção da usina, mas do futuro que ela promete: “É a linguagem do progresso que se traduz no ruído das máquinas e no empenho decidido de todos os operários para levar a bom termo a grandiosa tarefa.”³¹ O avanço prometido pelo progresso é acompanhado de um domínio sobre a natureza, no sentido de que ela é domada.

Durante a Ditadura Militar, o discurso ufanista, adotado pelos militares para gerar mobilização e adesão da população às medidas adotadas, falava sempre da promessa de um Brasil-potência, que precisava só dos esforços certos para ser alcançado. Segundo Carlos Fico (1997, p77): “as providências tomadas pelos governos ditatoriais possuiriam alcance histórico, justamente porque recuperariam o “tempo perdido” na busca de um futuro para o qual a nação estaria “predestinada”. Essa percepção de um “destino manifesto” transformava os projetos dos governantes em indicativos de um futuro que se aproximava. A linguagem que o Informativo utiliza para falar de uma “travessia”, recupera esse discurso, no sentido em que coloca Itaipu como um destino e evoca também um sentido bíblico.

Numa edição publicada na Páscoa, temos como exemplo um editorial que remete a um discurso de vocação divina:

²⁹ MENEZES, Fernando Dominience. **Enunciados sobre o futuro: ditadura militar, Transamazônica e a construção do “Brasil grande”**. 2007.

³⁰ BETING, Joelmir. Política econômica. p. 244. apud MENEZES, 2007. p.91

³¹ Informativo UNICON. Ano I, nº 3, Canteiro de Obras de Itaipu, 10 mar. 1978. p.2

A imposição de uma breve pausa no acelerado ritmo com que se desenvolvem as atividades deste gigantesco empreendimento, trouxe a oportunidade de revelar a mesma união religiosa destes dois povos que se confraternizaram no tempo com o sinal da **invocação divina**, decididos a registrar seus destinos de grandeza na forja do trabalho e reunir suas preces com o suor da frente, diante dos olhares protetores do Supremo Criador.³²

A Semana Santa foi um período em que as obras ficaram paralisadas: houve um “silêncio santo” na Itaipu. O texto cita um “espírito cristão” que guia os trabalhadores, e fala também da invocação para o trabalho: o progresso e o futuro nas mãos dos trabalhadores. O Informativo organiza a história do trabalho no canteiro de obras utilizando-se de representações e valores progressistas, alinhados com uma visão positivista e técnica do impacto da usina. É uma narrativa que recorre à percepção de um “destino manifesto”, na forma como a construção da usina torna-se um projeto rumo à modernização do país, o futuro prometido.

Na data comemorativa de 4 anos desde o início das obras, as palavras do Superintendente Francisco Fortes Filho, falam da construção como um duplo processo:

Assim, duas obras estão sendo construídas, em paralelo: uma, o monumento de concreto, rocha e argila; outra, o homem, na medida em que a grandeza do trabalho leva-nos a evoluir, a nos aprimorar como gente, a relegar nossos EGOS, a adquirir uma dimensão humana maior, sempre que, somando, irmanamo-nos.³³

Temos neste trecho a imagem de Itaipu como um monumento que se ergue ao mesmo tempo que edifica o sujeito. É um processo em que a “evolução econômica” representada pela construção da usina acompanha uma “evolução do sujeito”.

Essa alusão à travessia que aparece no Informativo também diz respeito a movimentos migratórios. Em 1978, haviam mais de 30 mil trabalhadores fichados³⁴ trabalhando na construção da usina. Esses trabalhadores eram sujeitos que vinham de diferentes lugares do Brasil pela promessa de um emprego garantido e na busca por melhores condições para suas famílias.

Ao comparar a experiência da construção da usina com uma epopeia, o Informativo também intercala as narrativas sobre o gigantismo da obra que foram difundidas no período.

³² Informativo UNICON. Ano I, nº 4, Canteiro de Obras de Itaipu, 31 mar. 1978. p.2. grifo do autor.

³³ Informativo UNICON. Ano II, nº 35, Canteiro de Obras de Itaipu, 18 out. 1979. p.1

³⁴ O termo “fichar” era utilizado pelos trabalhadores para referir-se ao processo de contratação, pois os dados eram registrados numa “ficha”. O trabalhador “fichado” era um empregado da UNICON.

Naquele momento, Itaipu era a maior hidrelétrica do mundo³⁵, um projeto que ganhou destaque em revistas internacionais.³⁶ Em diferentes edições do Informativo, dados como recordes de concretagem e a quantidade de pessoas empregadas foram utilizados para dar contorno à proporção da obra.

Desde o momento em que o projeto de Itaipu se transformou na imensa **colméia de homens** e máquinas jamais vista, para levar a cabo um empreendimento cuja envergadura só se aninhava na mente de uns poucos visionários, ninguém acreditava que, em tão pouco tempo, se pudessem alcançar os indiscutíveis resultados que, para satisfação e orgulho de todos os que dão seu denodado esforço, estão à vista.

Conforme destacado, os trabalhadores são caracterizados como uma colmeia humana, esta é uma imagem que é retomada em outras edições e faz parte de um repertório que tem o objetivo de homogeneizar os sujeitos como uma força de trabalho coletiva. Seguindo os valores repetidos pelo Informativo de união, integração e irmandade, o coletivo não é uma força de mobilização, senão de uniformidade.

O encadeamento dos fatos no Informativo tem como grau de importância o cumprimento dos prazos para erguer a usina, o que é evidenciado através de uma retrospectiva de recordes e procedimentos que levaram ao resultado final.

1.4: BRASIL-PARAGUAI: A USINA COMO LEGADO DA DITADURA MILITAR

A capa da edição 35 transformava a contagem regressiva para a detonação dos explosivos que mudariam o curso do Rio Paraná em minutos de silêncio. Três minutos como uma homenagem para lembrar os trabalhadores que morreram durante a construção da usina. Ou para a construção da usina?

“Enquanto os explosivos não detonam, concentrados em homenagem póstuma, recordemos aqueles que tomaram em cumprimento do dever, envolvidos na sagrada mortalha do suor. Partiram mas, antes, imprimiram suas marcas indelévels nas faces dos monólitos. As águas tem sensibilidade e hão de beijá-las com todo respeito.”³⁷

³⁵ A Itaipu perdeu esse posto após a inauguração da Hidrelétrica de Três Gargantas na China.

³⁶ Informativo UNICON. Ano II, nº 30, Canteiro de Obras de Itaipu, 09 ago. 1979. p.6
Uma cadeia de televisão francesa (Tele Hachete) selecionou Itaipu com uma das 6 maiores obras em execução do mundo e por conta disso uma equipe chegou em Foz do Iguaçu para produzir um documentário. O documentário está disponível no youtube com áudio em espanhol. Título: FILME Construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu [RARIDADE]. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O9Iy-CIo1k8&t=2822s>> Acesso em 26 mai. 2023

³⁷ Informativo UNICON. Ano I, nº 16, Canteiro de Obras de Itaipu, 18 out. 1978. p.1

Sem dados, sem nomes. Água, sangue e suor se misturam. No texto, ao mesmo tempo que esses trabalhadores são de certa forma lembrados, sua morte também é minimizada tendo em vista o resultado de seu trabalho: “Itaipu far-se-á luz, para ajudar a dissolver as trevas”³⁸. Suas mortes tornam-se sacrifícios³⁹.

Há mais um elemento que compõe essa capa que nos ajuda a perceber a forma como o Informativo dá significado à obra de Itaipu como um trunfo do regime militar.

Figura 4: Do lado esquerdo: capa da Edição Comemorativa da Conclusão do Canal de Desvio. Do lado direito: Uma imagem que foi destacada da capa, Ernesto Geisel e Alfredo Stroessner trocam cumprimentos durante a cerimônia de inauguração do Canal de Desvio.



Fonte: Informativo UNICON. Ano I, nº 16, Canteiro de Obras de Itaipu, 18 out. 1978. p.1

Além da imagem do Canal de Desvio pronto e do texto de solenidade, podemos ver uma foto de Ernesto Geisel e Alfredo Stroessner⁴⁰, ambos ditadores que estavam no governo

³⁸ Ibid., p.1

³⁹Do lado paraguaio foram realizados eventos para relembrar os trabalhadores que foram mortos durante a construção da usina. FESTIVAL ARTÍSTICO, “CANTO DE TODOS – MANDU’ARÃ PURAHÉI”. Itaipu Binacional, 2010. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/node/2623>. Acesso em 06 mar. 2023.

⁴⁰Ernesto Geisel foi presidente do Brasil durante a Ditadura militar. Durante seu governo iniciou-se o processo de transição democrática, marcada pela revogação do AI-5. O que o próprio presidente descreve como uma “abertura lenta, gradual e segura” foi marcada por expressões violentas da Ditadura como o assassinato do jornalista Vladimir Herzog.

Ernesto Geisel, *Memórias da Ditadura*. Disponível em:

do Brasil e do Paraguai, respectivamente. Os dois estiveram presentes na cerimônia de inauguração do Canal de Desvio. O registro do abraço entre os dois governantes reforça a característica binacional do empreendimento, que está em conformidade com o discurso de irmandade entre os dois países que permeia as páginas do periódico e atribui ao momento o ar de conquista a ambos governos.

Essa relação de “irmandade” é explorada de diversas formas e inclusive projetada para o canteiro de obras onde todos os trabalhadores da UNICON são descritos como uma “grande família”.

“Nasceu hoje uma nova raça,
Entre os lírios dos quintais,
Do abraço de duas nações:
Cá Brasil; lá, Paraguai.

É uma linhagem pujante
E células de um só ideal.
Itaipu, és símbolo
Dos sonhos de paz fraternal.”⁴¹

O poema acima sintetiza a imagem de Itaipu como o laço entre dois países irmãos. A característica binacional da obra que promoveu um espaço de trocas entre trabalhadores brasileiros e paraguaios num longo período de tempo vai ser utilizada para falar de um tipo social específico do canteiro de obras. O poema chega a falar de uma nova “linhagem” aludindo ao conceito de raça.

Os trabalhadores cumprem um propósito maior em nome da nação: “Paraguai e Brasil, Brasil e Paraguai, mistura de raças na presente hora da América, unidos para vencer o desafio do século. A geografia nos fez vizinhos; a história amigos e a economia, sócios.”⁴² Itaipu é destacada como um marco patriótico onde converge a história de dois países atravessados pelo Rio Paraná.

A edição de celebração do 5º Aniversário de Itaipu traz na capa uma foto do General Costa Cavalcanti com uma citação que reforça a mesma representação sobre os trabalhadores: “Trabalhamos a quatro mãos: duas brasileiras e duas paraguaias. Ambos os povos se

<https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-ditadura/geisel/>. Acesso em 06/03/2023.

Alfredo Stroessner governou o Paraguai de 1954 a 1989, uma longa ditadura que manteve uma “fachada democrática” sustentada por um “sistema de repressão eficaz”. A manutenção do governo também contou com o apoio dos EUA. (NICKSON, 2010.)

⁴¹ Poema. Coração Binacional. Informativo UNICON. Ano I, nº 12, Canteiro de Obras de Itaipu, 12 ago. 1978. p.5

⁴² Ibid, p.2.

identificaram tanto que, aqui na Obra, já não se distingue quem é brasileiro e quem é paraguaio.”⁴³.

A Itaipu é um projeto da Ditadura Militar, conforme apontado por Eduardo Ueda (2019, p.27-28): “a ditadura brasileira busca situar Itaipu como representante do desenvolvimento econômico nacional, possível graças ao governo militar.”. A própria forma de organização do canteiro de obras e das vilas operárias construídas durante a construção da usina contavam com um forte aparato de vigilância e segurança militarizado, conforme analisado no trabalho de Valdir Sessi (2015).

Em setembro de 1979 o Informativo traz uma edição especial para falar da visita de João Figueiredo⁴⁴ ao canteiro de obras. Diferente da solenidade de inauguração do Canal de Desvio, o governante aparece nas páginas como uma figura popular, com registros fotográficos apresentando-o em meio aos trabalhadores. Na mesma edição foi comemorado o Dia da Imprensa com um registro fotográfico feito por um operário. Acompanhando a imagem há um texto da equipe editorial que reforça um compromisso com “o registro real do fato”⁴⁵:

Figura 5: Na fotografia está o presidente João Figueiredo em meio aos trabalhadores



Fonte: Informativo UNICON. Ano II, nº 32, Canteiro de Obras de Itaipu, 06 set. 1979. p.7

O registro sensível de um trabalhador foi transformado em símbolo de uma narrativa que preza pelo apagamento das diferenças: “O operário de dedo engatilhado em sua modesta instamatic (...) dá-nos a certeza de que os homens fazem história, que todos eles desejam

⁴³ Informativo UNICON. Ano II, nº 27, canteiro de obras de Itaipu, 7 jun. 1979, p.1

⁴⁴ João Figueiredo foi o último presidente a governar durante a Ditadura Militar, o seu governo faz parte do período de abertura política.

⁴⁵ Informativo UNICON. Ano II, nº 32, Canteiro de Obras de Itaipu, 06 set. 1979. p.7

assinalar seus feitos para que todos saibam o que e por que aconteceu.”⁴⁶ Até o início de 1982, O Informativo Unicon não tem problema em manter uma relação da imagem de Itaipu com a Ditadura Militar. Odirlei Manarin (2008, p. 24) observa que durante o período de redemocratização isso começa a mudar. A partir de 1985, quando a obra já estava concluída e produzindo energia elétrica, a empresa inicia um trabalho de reorganização dessas memórias, colocando a usina como um projeto para solucionar o abastecimento elétrico no país e afastando-se da Ditadura Militar.

1.5. DO PROJETO À REALIDADE: MUDANÇAS DISCURSIVAS AO LONGO DO TEMPO

No fim de cada ano o Informativo Unicon produziu edições comemorativas de natal e ano novo com retrospectivas do que julgaram os principais acontecimentos daquele período e balanços trazendo os recordes de produção⁴⁷. No início de 1979, com o Canal de Desvio já operante, a construção da barragem principal estava no horizonte como o principal objetivo a ser alcançado. Trago esses marcos da construção, pois foram relevantes na organização do canteiro de obras, ditando o ritmo do trabalho, o quadro de operários e as demissões. No periódico esses marcos são reforçados, assim como incentiva-se sempre o maior ritmo de produção para cumprir as metas.

Observamos também a partir desse período, a maneira como o Informativo divulga um discurso de mitigação dos danos e impactos da barragem para o meio ambiente. A construção de uma barragem hidrelétrica, além de mobilizar os operários e as máquinas, força a mobilização dos moradores do território delimitado para a sua construção. A etapa de construção da barragem principal significava que estava se aproximando o estágio de formação do Lago de Itaipu. A formação do lago afetou a vida de mais de 40 mil pessoas, incluindo populações indígenas que ocupavam a região e resistiram ao processo denunciando os abusos cometidos pela empresa (MASCARENHAS, 2011. p.13).

As articulações dos expropriados começaram a partir de 1975 e se acentuaram a partir de 1978 (MASCARENHAS, 2011. p.14). No entanto, as consequências do alagamento são sentidas até hoje pelo povo Avá-Guarani que continua reivindicando junto ao Ministério Público a indenização pelas injustiças cometidas.

⁴⁶ Ibid., p.7

⁴⁷ O principal recorde noticiado mês a mês foi o de lançamento de concreto.

O Informativo se posiciona sobre os embates do período produzindo uma narrativa com o objetivo de apaziguar os danos. É por isso que em uma edição de 1980 somos apresentados a Marcos Lichtenstein, crachá número 001 da Itaipu, um dos primeiros trabalhadores fichados veio para Foz do Iguaçu como “Chefe do Escritório de Desapropriação”. A descrição das atividades fala como os acordos com os proprietários foram resolvidos de forma amigável:

As atividades de desapropriações, que normalmente são precursoras de uma obra, começaram a ser desenvolvidas pelo grupo com todo o empenho, em virtude da premente necessidade de se adquirir a área para instalação do Canteiro de Obras. Dentro dos atuais limites do Canteiro estavam compreendidos 151 propriedades e todas foram adquiridas amigavelmente.⁴⁸

Na matéria, Lichtenstein é apresentando como um dos pioneiros de Itaipu, em um trecho que descreve uma fala do próprio funcionário, ele fala um pouco de suas experiências em outras barragens e como Itaipu fornece as condições necessárias para agilizar o processo de expropriação:

“Reconhecidamente não é fácil remover uma família que por muito tempo se encontra enraizada à terra . É uma tarefa delicada e requer paciência e bom senso. É preciso reconhecer que do outro lado está um ser humano cheio de dúvidas e incertezas quanto a seu futuro. Em Itaipu, a Entidade oferece condições materiais para que as aquisições sejam feitas a preços justos, considerando inclusive as benfeitorias existentes no imóvel.”⁴⁹

E continua a dizer que da forma como Itaipu é justa nas negociações, o expropriado chega ao fim do acordo com recursos suficientes para estabelecer-se em outro lugar.

Ao longo do ano 1980 torna-se comum matérias explicativas, tanto sobre o processo de desapropriação para formação do Lago, como das medidas tomadas para Itaipu para preservação da fauna. A edição de 18 de junho de 1980 traz na capa: “A Itaipu Não Esqueceu das Árvores e dos Animais”: (...) desenvolve-se nas duas Margens o projeto de captura e resgate dos animais para estudar seus hábitos e atenuar os efeitos da formação do reservatório sobre a fauna.”⁵⁰ As matérias na edição que detalham as etapas das operações de reflorestamento e resgate dos animais explicam que “estas medidas em execução visam

⁴⁸ Informativo UNICON. Ano III, nº 42, Canteiro de Obras de Itaipu, 15 fev. 1980. p.2

⁴⁹ Ibid., p. 2.

⁵⁰ Informativo UNICON. Ano III, nº 50, Canteiro de Obras de Itaipu, 18 jun. 1980. p.1

reduzir os efeitos negativos da obra sobre o meio ambiente, harmonizando a convivência entre o progresso e a vida”⁵¹; e também:

Desta forma, A ITAIPU Binacional vem através da Diretoria de Coordenação executando todas as medidas para reduzir os efeitos negativos da Obra sobre o meio ambiente, considerando que o respeito pela vida não pode cessar nem mesmo em nome do progresso.⁵²

Observamos que à medida que acentuam as tensões entre os expropriados e a empresa, o Informativo divulga para os trabalhadores e suas famílias matérias que procuram diminuir os danos causados pela usina. A partir desse período, em que cada etapa avança para a finalização da barragem e para a formação do Lago, vai se tornando mais evidente um contraste entre o que se constrói e o que se perde. No periódico, um poema de quinze estrofes, escrito por Laurentino Schwartz Haupt, narra as etapas de destruição da terra e construção da usina. O poema⁵³ descreve a região antes de Itaipu e então narra a chegada dos trabalhadores, exalta o caráter binacional da obra e o progresso. Diminui as perdas em nome do desenvolvimento, mas ao mesmo tempo reconhece uma paisagem que se perdeu, que os olhos que antes conheciam não conseguem ver mais:

⁵¹ Ibid., p.4

⁵² Ibid., p.4

⁵³ Informativo UNICON. Ano I, nº 10, Canteiro de Obras de Itaipu, 1 jun. 1978. p.5

<p>XI</p> <p>Quem conheceu Pomba-quê, Ver hoje se desespera Mesmo jamais lhe conhece, Já não é mais como era. E o lindo rio Bela Vista Passando pelas tiguera E o bebedouro dogado No passinho da Pantera, Natural artificial, O que era feito desfizera. Hoje o Canteiro de Obras, O grande nome que lidera.</p> <p>XII</p> <p>O povo que ali morava,</p>	<p>Não diz que e nem disseram, Todos dali saíram. E os ranchos ficou tapera. E os heroicos tratores, Roncando com uma fera, Devastaram os vegetais E tudo ficou por terra.</p> <p>XIII</p> <p>Quem conheceu estas terras, Cobertas de vegetais, Se revela novamente, Já não conhece mais. Foram todas destruídas: Rochas, morros naturais, Os baixos foi levantados</p>	<p>Com transporte artificiais, Num trabalho em conjunto Do Brasil e Paraguai</p> <p>XIV</p> <p>A maior obra do mundo Itaipu Binacional, Obra que mais aparece No cenário mundial, Na capital do turismo, Um escritório central; Nos dois lados da fronteira Têm vilas residenciais, Núcleos de alto padrão, Que não existe outro igual.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Este jogo de forças é importante para entender porque Itaipu faz um esforço de manutenção de memória. Atualmente, mais de 40 anos após concluída a obra, a Itaipu passou a utilizar nas campanhas de divulgação o título de “líder mundial na geração de energia limpa e renovável”⁵⁴, o que é parte dos investimentos da empresa em ações de sustentabilidade. Esta é uma maneira de lidar com os impactos negativos da construção da usina, projetando desde o passado uma preocupação com o meio ambiente.

Ao produzir “referências homogêneas e cristalizadas para a memória social” (FARIA DA CRUZ, DA CUNHA PEIXOTO, 2007, p. 259), o Informativo Unicon foi uma das ferramentas pela qual a empresa difundiu representações para dar sentido à construção da usina e determinar sua importância no âmbito regional e nacional. Conseguimos identificar desde aquele período até os desdobramentos no presente, um processo de disputa por narrativas hegemônicas. Uma disputa que envolve a memória dos trabalhadores brasileiros e paraguaios, dos moradores de Foz do Iguaçu e de outras cidades afetadas pela construção da usina e dos expropriados.

Até aqui apresentamos as características dessa narrativa e os dois marcos temporais dentro do recorte que definem uma relação com o tempo que no primeiro momento (até 1978) coloca Itaipu como um projeto, algo a ser realizado, e que a partir da conclusão do Canal de

⁵⁴É uma frase que aparece ao lado da logo da empresa no site oficial e utilizada em campanhas de divulgação do turismo e ações patrocinadas pela empresa na cidade. Itaipu Binacional. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/>> Acesso em 10/05/2023

Desvio vai pautando uma realidade cada vez mais próxima, respondendo às tensões e aos conflitos do período com uma narrativa de harmonia e de compensação.

No próximo capítulo vamos analisar como a figura do barrageiro aparece nessa narrativa. O Informativo mantém um diálogo com o leitor, utilizando o barrageiro como a figura de um trabalhador ideal. Através de entrevistas, o periódico destaca as qualidades que seriam mais importantes para o trabalhador da UNICON, sempre tendo em vista a produção. Nesse processo o barrageiro torna-se figura importante na construção dos marcos da história contada por Itaipu, pois sem a força e trabalho desses sujeitos os recordes que são constantemente noticiados não seriam possíveis.

2. BARRAGEIRO: O HERÓI ANÔNIMO

No natal de 1978 circulava no canteiro de obras uma edição especial do Informativo Unicon. Como já vimos no capítulo anterior, o periódico organizou os acontecimentos a partir de marcos temporais que estavam alinhados com as etapas de construção da usina, mas também foram lançadas edições comemorativas em datas como Páscoa, dia do trabalho, natal e ano novo. O discurso construído entre 1978 e 1979 marca a virada do ano como um ponto de mudança. Enquanto no começo do ano tivemos edições que falavam de Itaipu como uma “realidade que se aproximava”, a conclusão do Canal de Desvio mostrava os resultados do projeto Itaipu. Em comemoração, a capa da edição de 23 de dezembro de 1978 traz a seguinte mensagem endereçada aos trabalhadores:

Eis, portanto, que é muito justo o vosso orgulho, construtores de Itaipu! Desde o que adquire calos no cérebro, na concepção do projeto, ao que os tem nas mãos função do uso de uma CANETA diferente, do funcionário que se aflige no rápido suprimento da peça de reposição ao que monta e SOLTA a máquina com seu componente recomposto, do escriturário ao marleteiro, ambos escrevendo uma só história, do que zela apaixonadamente pela segurança no trabalho ao que, também, apaixonadamente, devota-se à produção, do plantonista do ambulatório, ao operário trabalhando na friagem do bloco e da noite do cozinheiro que faz a boa comida, ao que transforma em força e a aplica em trabalho, do professor que na escola ensina o filho do operário, ao operário que em suas horas de folga cursa o MOBREAL, da esposa BARRAGEIRA (não nos lembramos de alguém ter estendido o TÍTULO a companheira do BARRAGEIRO e fazemo-lo aqui, certos de que com toda propriedade) - peregrina com seus filhos que são toda uma lição de federação - ao operário desancorado, curtido de solidão. Todos enfim dos que atuam na mais remota retaguarda e nem por isso menos importantes o seu apoio - aos que mais diretamente estão ligados a frente de construção.⁵⁵

A mensagem do Diretor Superintendente, Francisco Fortes Filho, faz uma homenagem a todas as pessoas que vieram trabalhar na usina, em todos os seus cargos e sintetiza isso na figura do barrageiro. À esposa do barrageiro é transferido o título de **barrageira** e com seus filhos fazem parte da epopeia de Itaipu.

Escolhemos esse texto para abrir o capítulo porque mostra um trabalho de síntese a partir da figura do barrageiro que busca alcançar todos os trabalhadores. Também mostra a

⁵⁵ Informativo UNICON. Ano I, nº 20, Canteiro de Obras de Itaipu, 23 dez. 1978. p.1

forma como o Informativo procura dialogar não apenas com os trabalhadores, mas com suas famílias, inserindo-os numa jornada conjunta. Os usos do termo *barrageiro* no texto anulam qualquer hierarquia, denominando desde o engenheiro ao operário. Dessa forma, o *barrageiro* se torna personagem da narrativa harmônica que apaga as diferenças e conflitos no canteiro de obras. Porém, na articulação do termo em variados contextos, podemos perceber um diálogo com a diferença e o conflito, que acompanham as trajetórias desses trabalhadores. Sob a primeira impressão projetada que é de homogeneização, vamos expor os contrapontos que os próprios enunciados sugerem, enfatizando outras narrativas que emergiram ao longo do tempo.

2.1. BARRAGEIRO: PERSPECTIVAS SOBRE O TERMO

A autora Georgeana França (2007), em sua dissertação de mestrado, analisa a categoria **barrageiro** como uma identidade coletiva que surge no contexto de construção de empreendimentos hidrelétricos. O *barrageiro* surge, num primeiro sentido, como o trabalhador que já possui conhecimento técnico adquirido na experiência em outras barragens, um sujeito migrante, que desloca-se buscando oportunidades de trabalho em outras usinas. No entanto, o estudo de caso realizado pela autora na cidade de Candói, demonstrou diferentes dinâmicas entre *ser* e *tornar-se* *barrageiro*. Isso porque o termo abrange trabalhadores de diferentes cargos e graus hierárquicos, servindo ao propósito de homogeneizar um grupo de trabalhadores marcados pela mobilidade e experiência, vistos como “sem raízes”.

O *barrageiro* também é uma identidade que surge como desdobramento da industrialização no mundo moderno. Georgeana França traz para o debate, Gustavo Lins Ribeiro (1992), que trabalha com a categoria “**bichos-de-obra**”: “para refletir como os trabalhadores especializados que acompanham os circuitos do sistema mundial de obras de engenharia de grande porte são influenciados por estes processos da contemporaneidade em suas formações identitárias” (FRANÇA, 2007. p.129). Estes autores nos ajudam a pensar os usos que o Informativo Unicon faz do termo *barrageiro*, as características que esse termo vai adquirindo e os diferentes momentos em que o termo é articulado.

Principalmente o trabalho de Gustavo Lins Ribeiro dá uma percepção dessas coletividades formadas no “circuito migratório de grandes projetos” como um processo globalizado. Podemos pensar, por exemplo, em outra obra de grande porte como a construção de Brasília, em que houveram grupos de trabalhadores que seguiram para outros locais após terminada a obra, mas outro núcleo que permaneceu na cidade criando redes de sociabilidade.

Estes sujeitos, que participaram do processo de formação da cidade ficaram conhecidos como **candangos**.

Outro caso interessante, que demonstra a construção de categorias para denominar esses trabalhadores a partir da mobilidade entre grandes obras, pode ser analisado no termo **cassaco**, uma nomenclatura para os trabalhadores nordestinos envolvidos nas obras contra as secas, no início do século XX, principalmente na construção de estradas de ferro⁵⁶. É uma nomenclatura localizada entre os estados do Ceará, Paraíba e Pernambuco, o cassaco é um animal, uma espécie de gambá, que exala um odor muito forte e cuja presença nas casas é geralmente indesejada (FERREIRA, 2017, p. 55). Como podemos perceber, essa nomenclatura animaliza o sujeito, atribuindo características negativas. É uma identidade que aproxima os sujeitos da natureza, diferente de “barrageiro” cujo sentido está numa aproximação entre os trabalhadores e a obra na qual atuam.

2.2. TORNAR-SE BARRAGEIRO: DIFERENTES TRAJETÓRIAS QUE SE CRUZAM

Em Foz do Iguaçu, a construção da usina mobilizou uma grande parte de trabalhadores vindos do campo e também moradores próximos da região que, devido ao grau de importância dado à usina viam a garantia de trabalho por longos anos. Como já vimos, houve diferentes formas de recrutamento destes trabalhadores, além de rádio e tv, agenciadores que traziam pessoas que já tinham experiências em outras barragens.

É importante notar que embora Itaipu tenha construído a partir do barrageiro uma síntese de todos os trabalhadores envolvidos na obra, adquirindo o aspecto de um “trabalhador de Itaipu”, o contratado de Itaipu era diferente do contratado das empreiteiras e a maior parte dos operários que formava a mão de obra no canteiro de obras eram empregados do Consórcio Unicon.

Na dissertação de Odirlei Manarin (2009), os relatos dos trabalhadores demonstram como a trajetória de cada um deles envolvia expectativas pessoais sobre o trabalho na usina e diferentes experiências sobre estabelecer-se na cidade. Para o trabalhador que vinha do

⁵⁶ As secas das décadas de 1950 na região Nordeste do Brasil mobilizaram as autoridades públicas a criar medidas de assistência à população e proteção contra as secas. Através do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), foi empregada mão de obra na “construções de açudes, em estradas, em perfuração de poços, em instalação de canais de irrigação, redes de energia, postos de piscicultura, escolas, igrejas, entre outros” (FERREIRA, 2017, p. 15). As obras tinham a justificativa de empregar uma população pobre e evitar as migrações para outros estados.

campo, era a melhoria nas condições de vida e a oportunidade de especialização profissional. O trabalhador que já vinha com experiência adquirida em outras barragens, tinha conhecimento dos processos e da rotina de trabalho. A chegada podia ser facilitada quando esses trabalhadores vinham a convite de familiares que poderiam ajudar a se estabelecer na cidade, mas também houve muitos casos de trabalhadores que só conseguiram moradia nos bairros periféricos enquanto esperavam uma vaga nos alojamentos ou vilas residenciais.

A partir das histórias compartilhadas pelos próprios trabalhadores, percebemos uma relação estreita entre a vida e o trabalho dos sujeitos, em que os relatos sobre a rotina no canteiro de obras, acompanham as dificuldades, os anseios e as conquistas. Por outro lado, a síntese da trajetória desses trabalhadores na figura do barrageiro, como aparece no Informativo Unicon, faz parte de uma narrativa harmoniosa em que “as lembranças escolhidas pela empresa são constituídas de significados que apontam uma história de superações, conquistas e desenvolvimentos proporcionados pela sua edificação” (MANARIN, 2009. p. 27).

O Informativo Unicon trouxe entrevistas com os trabalhadores, enfatizando trechos em que o trabalho em Itaipu destacava-se de outros empreendimentos e demonstrando o bom ritmo no canteiro de obras:

Barrageiros afirmam: O Canal fica pronto até outubro

“Do jeito que vai indo, o Canal fica pronto antes do mês de outubro. Creio que, em seis meses, estará acabado”. Estas são as declarações prometedoras do feitor de turma, Aécio Rodrigues Paulo, que trabalha no Canal de Desvio há quase um ano. Fomos encontrá-lo trabalhando tranquilamente e suas declarações eram seguras, próprias de quem já sentiu, de perto, o desenvolvimento da obra. Já foi barrageiro em Roncamento. Começou a trabalhar no “Buracão” - conforme ele mesmo diz - no cargo de ajudante de serviços gerais: “Quando vim para cá, isto era mais raso. Tinha muita pedra. Era uma confusão danada. Eu não entendia direito disso. Agora, não. Está tudo organizado. E uma coisa é certa: o andamento do Canal está indo depressa; muito rápido mesmo. Mais depressa do que eu pensava.”⁵⁷

Neste trecho o barrageiro é o que fala com a voz da experiência em outras barragens. No cargo de Feitor de turma, Aécio Rodrigues começou como ajudante de serviços gerais, o que fala um pouco da trajetória desses trabalhadores e da variabilidade de cargos em que eram empregados.

⁵⁷ Informativo UNICON. Ano I, nº 1, Canteiro de Obras de Itaipu, 4 fev. 1978. p.2.

A trajetória dos trabalhadores que vieram do campo e tiveram a primeira experiência como operários também foi lembrada em um poema de Raimundo Nonato Ferreira, apresentado aqui em duas estrofes:

Homem da terra, como tem passado
 Com o vai seu gado, seu pastoreio?
 Conserva ainda o verde esquadrejado,
 Variando de matiz com o pisoteio?
 (...)
 Homem da terra, agora vitorioso,
 Banhado em lustro presidencial,
 Abriu na rocha o sulco audacioso
 Onde cabe o Paraná monumental.⁵⁸

Em outra edição, quem compartilha suas histórias são dois trabalhadores que atuaram na construção da Estrada da Esperança na Maurítânia. Antônio Gonçalves da Silva, apelidado de Guacho e Cícero Adolfo de Moraes, foram empregados na Mendes Júnior durante o empreendimento, que segundo o Informativo Unicon “só foi possível devido ao espírito criativo à tenacidade e à adaptabilidade do brasileiro”⁵⁹

Em uma matéria divulgando o resultado de uma concurso de frases de segurança, o Informativo apresenta Eurípedes Felix de Oliveira, um “Barrageiro de Nascimento”⁶⁰, pois assim como seu pai que trabalhava na Barragem de Furnas, ele segue a mesma trajetória profissional, tornando-se barrageiro. Eurípedes chegou a trabalhar na construção da usina hidrelétrica de Itumbiara em Minas Gerais, então compartilha sobre atividades e concursos que são rotineiros nessas zonas de trabalho.

Podemos perceber que um dos usos que o Informativo faz do termo barrageiro é a respeito desses trabalhadores que estão inclusos no fluxo migratório das grandes obras. É um termo que fala do trabalhador que já teve experiência em outras usinas e de um modo de ser caracterizado pela mobilidade.

2.3. CRÔNICAS DE UM PERSONAGEM ANÔNIMO

⁵⁸ Informativo UNICON. Ano II, nº 23, Canteiro de Obras de Itaipu, 3 mar. 1979. p.7

⁵⁹ Informativo UNICON. Ano III, nº 44, Canteiro de Obras de Itaipu, 15 mar. 1980. p.6

⁶⁰ Informativo UNICON. Ano III, nº56, Canteiro de Obras de Itaipu, 16 set. 1980. p.6

As crônicas publicadas pelo Informativo trazem elementos relevantes para pensar a construção da figura do barrageiro como um personagem “típico”. Através das crônicas são atribuídas características aos operários. As qualidades são generalizadas e o que significava ser um operário no canteiro de obras se torna algo diluído através dessas imagens. Nelas, torna-se comum a figura do operário anônimo. Numa crônica referente ao acontecimento do Desvio do Rio, o Informativo traz uma crônica com o título: “O Estrondo da Dinamite Baterá Palmas ao Peão Anônimo”⁶¹. Na crônica, um entrevistador está visitando a casa de alguns trabalhadores para que compartilhem suas histórias. No entanto, ao se apresentarem, todos esses trabalhadores não possuem um nome próprio:

“- Seu nome é...

-Anônimo da Silva.

-Como?

-O senhor ouviu bem. Não estranhe. Sou Anônimo da Silva. Um profissional como tantos outros que lutam de braços com o dever. Enfim, sou pago para desempenhar minhas funções. Modéstia a parte (*sic*), conheço os segredos da armação.”⁶²

Os demais personagens se apresentam da mesma forma ou como “Anônimo de Tal”. A função na qual trabalham é o que os define e motiva. Brasileiros ou paraguaios, o que todos têm em comum aqui é esta característica de ser anônimo.

A crônica “O Anjo Suava a Alma de Itaipu”⁶³ é uma das que mais chama a atenção, publicada na 11ª edição do Informativo, o subtítulo destaca uma função de homenagem: “Crônica em Homenagem à Grande Obra que Construimos”. Na história acompanhamos um personagem que, em sonho, encontra um anjo. Este anjo apresenta-lhe uma filmagem em dois atos. No primeiro ato é projetado um anjo que desce na região da construção da usina. Ele pendura-se num cabo que liga os dois lados do rio Paraná. Os trechos seguintes trazem um pouco da sequência das cenas.

“O certo é que o anjo era estoico e calmo. Firme, aguentou seu peso com as costas expostas ao castigo dos raios de um sol a quarenta graus, que lhe fazia escorrer pela testa, pela face, pelo corpo todo, uma verdadeira mina de suor até formar um jorro que escorria para o fundo do canal. Entretanto, à proporção que aquele caudal descia, ia se tornando cada vez mais pastoso, para engrossar misteriosamente como

⁶¹ Informativo UNICON. Ano I, nº 16, Canteiro de Obras de Itaipu, 18 out. 1978. p.2

⁶² Ibid., p.2

⁶³ Informativo UNICON. Ano I, nº 11, Canteiro de Obras de Itaipu, 26 jun. 1978. p.2

argamassa e, mais abaixo, em concreto que alimentava as gargantas de algumas formas ancoradas na parte mais baixa do vale artificial.”

(...)

“E quanto mais suave, fazia crescer lá embaixo o esboço de uma figura, como se fosse de um gigantesco elefante erguendo-se lentamente. Daí a pouco, deixava de parecer ao grande animal para tomar as dimensões e o aspecto de uma cidade. Não era. Olhei bem. Não era mesmo. Mas, sem dúvida, muito maior que a maioria das cidades que conhecera.”

(...)

“A julgar pelo semblante, deveria ter consciência de que era necessário suar sem lamentos. Tanto que, pela sua expressão, isto lhe parecia altamente compensador porque, conforme suave, a construção ganhava corpo. E olhando-a lá de cima, ele até sorria realizado.”⁶⁴

No segundo ato, chegam cada vez mais anjos que tomam em mãos as ferramentas de trabalho. Alguns deles trabalham com picaretas, outros digitam na máquina de datilografia e há inclusive um que está guiando os veículos da obra.

“Era uma multidão de anjos. Trinta mil talvez: morenos, loiros, negros, nacionais e estrangeiros, mas sempre translúcidos.”⁶⁵

Esses anjos translúcidos suam, o seu suor vira concreto que dá alma a Itaipu. Sorriem, pois seu esforço ganha forma na construção da usina. O espectador do filme vê que há diferenças entre eles, mas as diferenças são ofuscadas pela característica que todos têm em comum: são translúcidos. O narrador da crônica ao pensar no significado deste sonho chega à realização de que o anjo estava suando a alma de Itaipu. No que consiste essa alma: na força de trabalho de “peões anônimos”. No esforço, no cansaço e no sacrifício daqueles que morreram para que o trabalho na usina não pudesse parar. Dia e noite, AVANTE.

Ao longo do ano de 1978, podemos perceber através do Informativo que o interesse de Itaipu pelo tema do barrageiro motivou a organização de eventos, além da produção de crônicas e entrevistas para o jornal. Nas primeiras edições referencia-se mais aos trabalhadores envolvidos na obra como peões e operários, já chegando nas últimas edições o termo barrageiro é utilizado em sua abrangência a todos esses trabalhadores. A edição 19 inaugura uma nova seção fixa: “Histórias de Barrageiros” que convidava os trabalhadores a dividir histórias, anedotas e episódios pitorescos para falar de um modo de vida barrageiro.

⁶⁴ Informativo UNICON. Ano I, nº 11, Canteiro de Obras de Itaipu, 26 jun. 1978. p.2

⁶⁵ Ibid., p.2

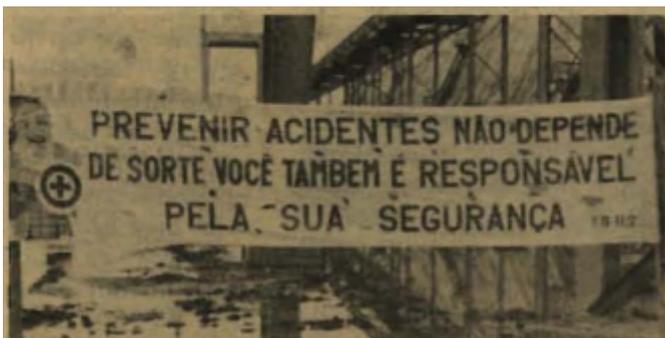
2.4. “PAU PARA TODA OBRA”: MODELOS DE CONDUTA

Um aspecto que vem sendo trabalhado em pesquisas recentes é como a estrutura habitacional das vilas e o canteiro de obras foram organizados para garantir a produtividade e manter a vigilância sobre os trabalhadores. Odirlei Manarin (2008) contrapõe as narrativas institucionais com as memórias dos trabalhadores, que a partir de suas experiências compartilham sobre a insegurança no ambiente de trabalho, pois mesmo mantendo a produtividade os trabalhadores corriam o risco de ser demitidos após a conclusão de uma etapa. As narrativas dos trabalhadores expõem os riscos das demissões e a insegurança em relação a acidentes de trabalho, pois estes casos eram noticiados como irresponsabilidade dos operários.

Em junho de 1978, o Informativo UNICON anunciava uma campanha de prevenção de acidentes, com concurso de frases e cartazes. A campanha também coincidia com o lançamento de uma coluna quinzenal no Informativo que buscava cobrir assuntos de segurança do trabalho. Abaixo, podemos analisar alguns dos cartazes que foram expostos no espaço do canteiro de obras e concorreram à premiação.

Figura 6: Cartazes da Campanha Para Prevenção de Acidentes





Fonte: Informativo UNICON. Ano III, nº52 , Canteiro de Obras de Itaipu, 16 jul. 1980. p.6

Frases como “O trabalho inseguro identifica o mau trabalhador” e “a segurança é com você”, diminuem a proporção dos riscos do trabalho na usina e transmitem para o trabalhador a responsabilidade pelos acidentes. Além disso, haviam campanhas entre os setores, com premiações para “zero acidentes”. No trabalho de Manarin, um dos entrevistados evitou procurar consulta médica até a situação se tornar inviável e relembra que naquele mês o seu turno deixou de receber a premiação por sua causa. A frase ganhadora do concurso deixa claro que “Evitar acidentes é como respirar: fácil e necessário”⁶⁶. A culpa e a causa dos acidentes recaem toda sobre o trabalhador. Através dessas campanhas e premiações, a instituição estabelecia um modelo de conduta para os trabalhadores.

Em dezembro de 1980, o Informativo trazia uma entrevista com Deusdete que trabalhava no cargo de sub encarregado de carpintaria quando uma barra de ferro atingiu sua cabeça. Como estava de capacete, o ferimento foi superficial. O título da matéria, “Capacete Salva a Vida de Barrageiro”, transforma Deusdete em exemplo para os outros trabalhadores. Na forma como sua história é contada, é como se a UNICON garantisse todas as ferramentas para evitar os acidentes, assim se algo errado acontecia, não era por falta de garantia deles, mas pelo descuido do operário.

⁶⁶ Informativo UNICON. Ano III, nº53 , Canteiro de Obras de Itaipu, 31 jul. 1980. p.5

O Informativo Unicon se utiliza bastante de entrevistas para destacar trabalhadores exemplares, não apenas no quesito segurança, mas exemplos de produtividade. Assim, apresenta personagens como o Agustin “Pau para toda obra”, que veio para Foz do Iguaçu acompanhando o filho que também trabalhava na usina. O jornal acentua sua prestatividade como um trabalhador “incansável e eternamente disponível.” Nos momentos que o Informativo abre espaço para trazer relatos dos trabalhadores, estes relatos estão enquadrados na visão da empresa. Um poema, escrito pelo próprio Agustin⁶⁷, exalta os benefícios do trabalhador da UNICON.

⁶⁷ Informativo UNICON. Ano II, nº 34, Canteiro de Obras de Itaipu, 04 out. 1979. p.6

A UNICON nos proporciona
elementos necessários
para o melhor desempenho
de cada um em sua função.

Quem quer que aqui chegue
se enriquece de experiências
e trabalha satisfeito
na barragem de Itaipu

E para quem é bom no trabalho
promove com justiça
outros muitos benefícios
se recebe na UNICON.

Do vigor do Paraná
a energia irá exprimir
para levar à sua terra
luz que ilumine seu lar

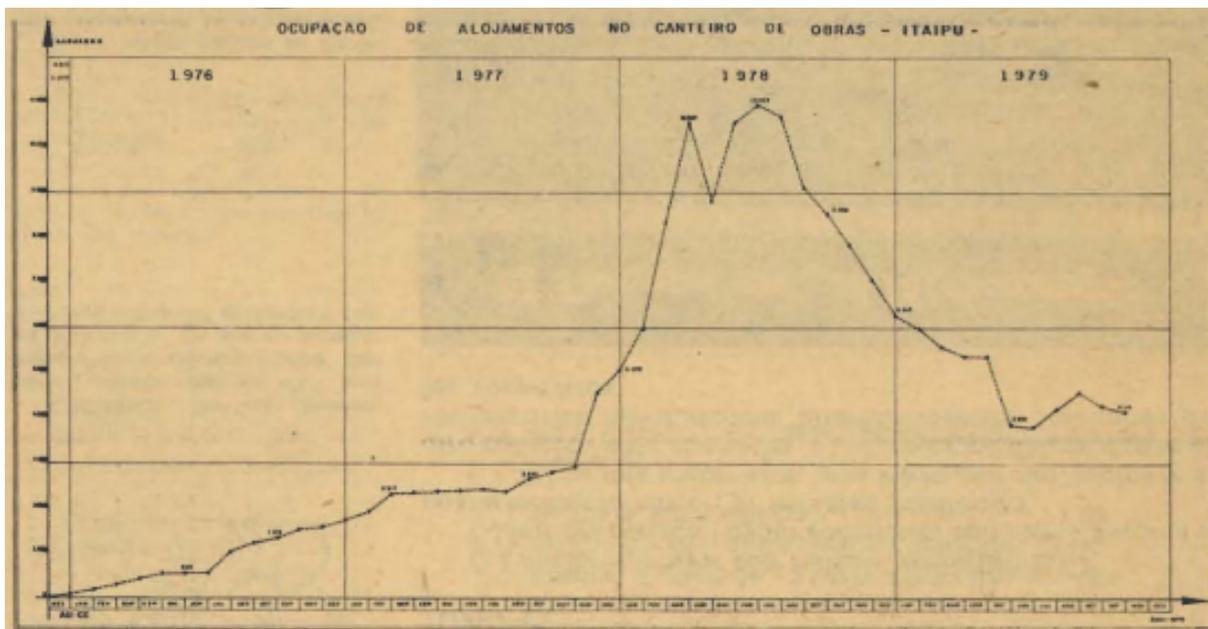
2.5. BARRAGEIROS ALOJADOS

De acordo com Gustavo Lins Ribeiro, a infraestrutura criada pelas empresas em torno de grandes projetos faz parte de uma estrutura de controle: “A vida no acampamento de um grande projeto é penetrada, em todas as suas esferas, pelos interesses e necessidades da obra, monitorados por uma administração central, à maneira de uma *instituição total*” (RIBEIRO, 1992. p.7). A estrutura criada por Itaipu contava com vilas habitacionais com serviço de vigilância, centro comunitário, hospital, espaços de lazer e escola para os filhos dos operários. Este território criado em torno da obra, com garantias e benefícios para os empregados, tornava a perspectiva de uma vida fora da empresa mais difícil. Como bem observado por Eduardo Ueda: “Em contraste com as condições de vida nos bairros pobres formados nesse período na cidade, o contratado em Itaipu parecia ser realmente privilegiado” (UEDA, 2019. p. 42). Os trabalhos de Manarin (2008) e Ueda (2019), ao apresentar a narrativa dos trabalhadores sobre a experiência na usina, mostram como essas vantagens têm um papel na reconstrução das memórias sobre o período em que prevalece um sentimento de gratidão à empresa.

Em 1979, o Informativo lançou uma série de matérias falando sobre as vantagens para o trabalhador alojado. Nestas matérias foi recorrente o uso do termo barrageiro para referir-se aos trabalhadores. No ano anterior, em 1978, os alojamentos chegaram ao máximo da ocupação. A necessidade da construção de infraestrutura e as etapas que levaram ao desvio do Rio Paraná significaram um número maior de trabalhadores envolvidos na obra que logo depois foi reduzido consideravelmente. A baixa ocupação também está relacionada à conclusão da construção das vilas residenciais, assim muitos moradores deram preferência a morar nas vilas com suas famílias. Além disso, significava para a empresa um gasto extra com

os serviços de manutenção que deveriam ser mantidos para o pouco número de moradores. O gráfico de ocupação dos alojamentos mostra a diferença da situação em 1979 em relação aos anos anteriores:

Figura 7: Ocupação de Alojamentos no Canteiro de Obras - Itaipu



Fonte: Informativo UNICON. Ano II, nº 37, Canteiro de Obras de Itaipu, 17 nov. 1979. p.3.

O Departamento de Serviços Auxiliares começa então uma campanha de ocupação dos alojamentos, enumerando vantagens para os trabalhadores alojados. Essas vantagens aparecem nas matérias do Informativo Unicon, que se torna mais um meio de alcançá-los.

Figura 8: Vantagens para o trabalhador alojado.



Fonte: Informativo UNICON. Ano II, nº 37, Canteiro de Obras de Itaipu, 17 nov. 1979. p.4

Entre as vantagens: a proximidade do espaço de trabalho, a higiene dos quartos, um serviço de lavanderia exclusiva, espaços de recreação, lazer e atividades esportivas, transporte para as vilas A e C e um pequeno centro comercial com preços competitivos com descontos de 30 a 50 por cento em relação ao comércio de outras regiões da cidade.

Em uma das matérias, simula-se um diálogo entre o operário e o informante encarregado do Departamento de Serviços Auxiliares:

- “ – Quem pode alojar-se no canteiro de obras?
- Você é barrageiro?
- Então esteja à vontade. É só procurar o pessoal do Setor de Canteiro e Acampamento e fazer uma solicitação, através de sua área de trabalho.”⁶⁸

⁶⁸ Informativo UNICON. Ano II, nº 37, Canteiro de Obras de Itaipu, 17 nov. 1979. p.3

O termo barrageiro aparece como um termo generalizante a operários de diferentes funções na obra. No entanto, é repetidamente empregado nessas matérias para referir-se ao trabalhador alojado.

O barrageiro alojado é um privilegiado em termos de lazer.

(...)

Entre as várias oportunidades que lhe são oferecidas, o barrageiro poderá praticar futebol num estádio todo gramado, com arquibancadas e iluminação artificial.

(...)

Anualmente são realizadas Maratonas, Festivais Artísticos e as Olimpíadas que se tornaram tradicionais e ansiosamente esperadas pelos barrageiros.⁶⁹

Aqui vemos o termo barrageiro desdobrar-se em um novo sentido, para referir-se ao grupo de trabalhadores que ocupam os alojamentos. Trabalhadores que fazem parte de um grupo mais baixo na hierarquia de funções da Itaipu: “operários e trabalhadores em postos de serviços como: motoristas, vigias, mecânicos, pintores, encanadores, montadores e barrageiros” (RAMMÉ, 2019. p.10). Desta maneira, a partir das vantagens oferecidas, o Informativo mostra as condições criadas pela empresa para o trabalhador, o barrageiro é um beneficiado de Itaipu, cuja experiência em Foz do Iguaçu torna-se melhor pela condição de estar empregado. Como a vida sem o trabalho em Itaipu era mais difícil, o trabalhador era incentivado a produzir no ritmo ordenado.

É interessante contrapor a propaganda da empresa com os relatos dos trabalhadores, pois apesar dos benefícios, os trabalhadores falam de uma falta de segurança. Numa entrevista concedida por Adenival ao projeto Memórias Subterrâneas, ele comenta sobre um receio de deixar pertences de valor nos quartos:

Naquele tempo não era igual hoje, mais moderno não. Era bem na base do grito mesmo só. Se tivesse algum dinheiro, alguma coisa, andasse com ele no bolso que poderia sumir ali. Não tinha assim uma segurança para a gente. Claro que eu tive sorte né, que nunca me aconteceu nada assim, mas na época era bem bem complicado.⁷⁰

A partir das entrevistas analisadas por Odirlei Manarin (2009, p. 39 e p.46) e Eduardo Ueda (2019, p. 61) percebemos que para os trabalhadores, a transferência dos alojamentos

⁶⁹ Informativo UNICON. Ano II, nº 37, Canteiro de Obras de Itaipu, 17 nov. 1979. p.4

⁷⁰ Entrevista concedida em 2019 ao projeto Memórias Subterrâneas: produção de acervo e espaços de diálogo sobre cotidiano, violência e resistência dos trabalhadores de Foz do Iguaçu.

para as vilas residenciais era almejada, sendo a principal melhoria a possibilidade de trazer a família para morar na cidade, evitando os deslocamentos para visitá-los.

Outro indício que ajuda a compreender porque foram publicadas tantas matérias sobre os alojamentos enaltecendo os benefícios, foi a denúncia redigida por Juvêncio Mazzarollo para a Comissão Pastoral da Terra. O texto de 1979 traz o único registro de uma revolta organizada pelos trabalhadores no ano anterior, em 1978, motivada pelo atraso no pagamento de mais de três mil operários, “más condições dos alojamentos” e “comida ruim”. Conforme citado por Odirlei Manarin (2009, p. 98.).

A edição de natal com que abrimos o capítulo e essas edições especiais com o foco nos alojamentos demonstra como o termo barrageiro vai sendo articulado pelo Informativo em momentos específicos. No primeiro caso, como um elemento que agrega todos os trabalhadores de Itaipu, independentemente de suas funções. No último exemplo, abarca um grupo específico de trabalhadores cujo tempo de trabalho e de lazer estão circunscritos no canteiro de obra. Os interesses da empresa e a perspectiva do jornal entram em jogo para pensar nessas articulações.

2.6. VIGILÂNCIA NO CANTEIRO DE OBRAS

As “regras do jogo” (MANARIN, 2008. p. 91.), no canteiro de obras, tinham em vista manter a maior produtividade para cumprir cada etapa no prazo estipulado. O Informativo Unicon foi um dos canais utilizados pela empresa para estimular a competição entre os turnos:

“Para incentivar a produção - salienta Nakamura - estabelecemos uma disputa sadia entre os dois turnos para verificar quem produz mais. Para isto, colocamos um placar na sala de rádio para que todos possam tomar ciência dos resultados obtidos.”⁷¹

Assim, cada turno já iniciava sua jornada de trabalho com um número a ser superado. Manarin (2008) analisa as possíveis dinâmicas entre os trabalhadores a partir destas estratégias criadas pela empresa, pensando em como cada turno poderia organizar-se para criar suas próprias metas produzindo dentro do esperado. Além disso, houve outros incentivos à produtividade a partir de premiações para cada turno.

Contudo, para garantir que as regras fossem cumpridas, o cotidiano dos trabalhadores na usina era monitorado por uma equipe de vigilância. Para a segurança de Itaipu, o Setor de

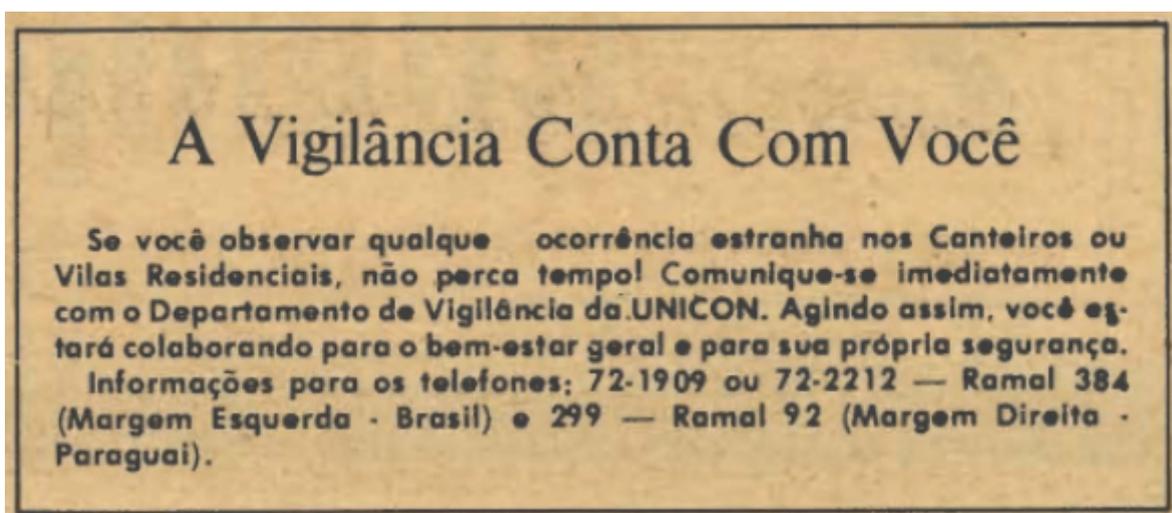
⁷¹ Informativo UNICON. Ano I, nº 7, Canteiro de Obras de Itaipu, 13 mai. 1978. p.3

Vigilância era considerado “o principal órgão de vigilância e guarda no Canteiro de Obras”⁷². O Informativo, em outubro de 1979 trouxe uma matéria para falar sobre os valores do vigilante da UNICON, procurando humanizar a figura do vigilante, encobrindo o caráter repressivo da função. Através de uma fala do chefe do setor de Vigilância, o Informativo fala da relação para com os outros funcionários como membros de uma mesma família: “qualquer funcionário deverá ser considerado como um pai, um irmão ou um parente. Tratado como amigo, o trabalhador deve merecer toda atenção e respeito.”⁷³ Mas na mesma matéria transparece o conflito:

A fiscalização é indispensável e a correção, muitas vezes, uma obrigação. Quando se fizer necessário, aqueles que apresentarem comportamento inconveniente em determinados lugares, perturbando colegas, pondo em risco sua própria segurança ou comprometendo o bom nome da empresa e seu patrimônio, deverão sentir a energia e serena presença do vigilante”⁷⁴.

A vigilância da UNICON também contava com um canal de denúncias, abaixo temos um destaque do periódico que convidava os trabalhadores a contribuir para manutenção da ordem no canteiro de obras e nas vilas residenciais:

Figura 9: Destaque sobre o Canal de Denúncias do Departamento de Vigilância da UNICON.



Fonte: Informativo UNICON. Ano I, nº 8, Canteiro de Obras de Itaipu, 1 jun. 1978. p.4

⁷² Informativo UNICON. Ano II, nº 35, Canteiro de Obras de Itaipu, 18 out. 1979. p.5

⁷³ Ibid., p.5

⁷⁴ Ibid., p.5

Portanto, todos os espaços organizados a partir da necessidade de construção da usina, como o canteiro de obras e as vilas residenciais estão subjugados ao sistema de vigilância da UNICON. Um sistema cujas diretrizes são organizadas pela empresa para garantir a produtividade e sob o imperativo da ordem. O controle exercido pela usina ultrapassa os espaços do trabalho para adentrar o cotidiano e a esfera social da vida dos funcionários.

Retomando o trabalho de Gustavo Lins Ribeiro, o autor afirma que os espaços construídos em torno dessas grandes obras procuram reforçar identidades, inclusive dentro da lógica dos Estados-nação. Dessa forma é valorizado o patriotismo, o nacionalismo e a religião (RIBEIRO, 1992. p.11). No capítulo anterior adentramos um pouco no debate acerca do patriotismo. Neste capítulo podemos investigar a forma como o Informativo Unicon, na construção da figura de um trabalhador ideal, valoriza o trabalhador cristão.

2.7. MORAL CRISTÃ: OS VALORES DO BOM OPERÁRIO

O periódico aproveita a data da páscoa de 1978 para falar de um “espírito cristão”⁷⁵ que guia todos envolvidos na construção da usina. A pausa no ritmo do canteiro de obras adquire o aspecto do sagrado:

Emudeceu o ronco das enormes máquinas e os operários interromperam, momentaneamente, o eficiente diálogo cotidiano entre os músculos e as rochas, para oferecer seus respeitos ao gesto prodigioso daquele Homem, também operário, que, em sublime sacrifício, entregou sua vida para salvar o mundo.⁷⁶

Neste trecho, ao lembrar do personagem de Jesus Cristo como um operário, o Informativo cria uma associação entre a sua figura e os trabalhadores. É uma forma de retomar a narrativa do sacrifício, em que os esforços dos trabalhadores têm um fim maior na construção da usina.

Como parte das festividades do Dia do Trabalho, uma grande missa foi realizada em 1978 no espaço do Cine Teatro⁷⁷. Os padres convidados trouxeram uma mensagem que relaciona o bom operário a um “exemplo de cristão”.

⁷⁵ “O espírito cristão de todos os homens que prestam seus serviços na execução desta singular obra de Itaipu, manifestou-se claramente nos dias da Semana Santa que, uma vez mais, recordou-nos a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.” Informativo UNICON. Ano I, nº 4, Canteiro de Obras de Itaipu, 31 mar. 1978. p.2

⁷⁶ Ibid., p.2

⁷⁷ O Cine Teatro era um espaço no Canteiro de obras onde eram frequentemente exibidos filmes e ocasionalmente tornava-se espaço de outras atividades culturais organizadas pela instituição.

O valor do homem que trabalha em Itaipu não apenas se deve mostrar no seu domínio sobre o grande rio e no represamento de suas águas, mas, sobretudo, pelo domínio de energias internas capazes de represar valores que o tornam um ser forte e exemplo de cristão.⁷⁸

A utilização desses elementos cristãos também serviu para reforçar a imagem da UNICON como uma grande família. Como na edição de dezembro, em que o editorial comemora o natal como “o momento em que os homens, impulsionados por um chamado supremo, se sentem realmente irmãos, formando uma só família. Este clima familiar estende-se à UNICON, pois temos a convicção de que ele existe em cada um de seus funcionários.”⁷⁹

No mesmo editorial, Itaipu é comparada a um presépio: lugar da união de dois povos que trabalham com o objetivo comum de tornar o projeto Itaipu em realidade.

Nossa obra, que resume a essência cristã de dois povos cujos filhos alimentam-se na mesma fonte de fraternidade e compreensão, exhibe o marco contagiante do **presépio de Itaipu**. Presépio do operário, na sagrada oferenda do amor e do sacrifício. Gigantesca gruta que abriga os sentimentos de 30.000 homens que, em intensa atividade diária, modelam a imagem do progresso nas entranhas da natureza, depositando diariamente seu tributo de fé e esperança com a mesma generosidade daqueles humildes pastores que foram até o berço do Menino-Deus, iluminados pela estrela de Belém.

O diálogo construído entre a empresa e os trabalhadores a partir do Informativo Unicon, cria um código de conduta pautado na moral cristã. Ao mesmo tempo que a empresa mantinha esse discurso moralizante através de seus canais de comunicação, fora do canteiro de obras os trabalhadores aliviavam as pressões da rotina do trabalho em bares e casas de prostituição. Na dissertação de Luiz Catta, a partir de relatos de ex-trabalhadores, o autor observa que “existia um interesse por parte da empresa em que os funcionários fossem extravasar suas angústias, neuroses, desejos, na zona do meretrício” (1994, p.83). O bairro do Três Lagoas, onde estava localizado o maior número de prostíbulos, passava pelo controle do estado, através da Polícia Civil, que cobrava alvarás para o funcionamento de boates e mantinha um cadastro das mulheres, a “carteira de dançarina”, com dados pessoais e exames

⁷⁸ Informativo UNICON. Ano I, nº 7, Canteiro de Obras de Itaipu, 13 mai. 1978. p.7

⁷⁹ Informativo UNICON. Ano I, nº 20, Canteiro de Obras de Itaipu, 23 dez. 1978. p.2

médicos⁸⁰. A vigilância de Itaipu também mantinha um certo nível de controle no espaço, pois os guardas estavam presentes para evitar tumultos dos empregados (SOTUYO, 1998. p.70) e acobertar confusões, evitando chamar a polícia (CATTA, 1994. p.84).

A partir desse contexto, trazemos para análise um poema publicado no Informativo em junho de 1978, escrito por José Melquíades Ursi, intitulado “Quem Tem Maria... Não Joga Nada na Geni”⁸¹. As estrofes valorizam as relações dos trabalhadores com suas esposas, mas limitando as figuras femininas ao espaço doméstico e ações de servidão para com o marido, que é recompensado após um dia duro de trabalho com os carinhos, com as sobremesas da janta e com o café fresquinho:

⁸⁰ Em 2021, o jornal The Intercept Brasil fez um levantamento sobre o aumento de registros de crianças sem pai em Foz do Iguaçu durante o período da construção da usina. A matéria contou com relatos de um policial civil aposentado, residentes do bairro do Três Lagoas e ex-trabalhadores de Itaipu. Os relatos ajudam a perceber uma estrutura de controle do estado e de Itaipu sobre as zonas de prostituição.

Os filhos esquecidos de Itaipu. **The Intercept Brasil**, 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/01/06/prostituicao-controlada-pela-ditadura-para-construir-itaipu-deixou-legiao-de-criancas-sem-pai/>. Acesso em 7 mar. 2023.

⁸¹ Informativo UNICON. Ano III, nº 50, Canteiro de Obras de Itaipu, 18 jun. 1980. p.2

Maria, do armador lá da barragem, está nos seus dias e pode ser de hoje pra manhã. O marido João no trabalho entorta ferro com fibra, com mais força agora, na responsabilidade que tem e na espera gostosa da criança que vem.	já fez pudim de pão pro seu magrelo Carlão, que bate e saca prego, com vigor já cansado nos braços suados, Mas logo à noite, tem recompensa, ele sabe, no doce de sobremesa. Rute, do eletricista lá da manutenção, prega botão na camisa de xadrez do seu sempre Juarez, que sobe e desce escada, às vezes sem parada,	no entorta fio e ajusta tomada, reconhecido pela camisa passada. Marisa, do ajudante de serviços lá da casa de força, vai virando café no torrador antigo. Na mesma hora do seu amor, o esposo Rodrigo transporta ferro, carrega madeira e puxa corda de caçamba à espera do café caseiro, guardado na chaleira.
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

O poema contrasta dois espaços, a esfera do trabalho doméstico e a esfera do trabalho produtivo. A separação entre esses núcleos expressa uma dinâmica própria da divisão sexual do trabalho. Conforme apresentado no artigo de Helena Hirata e Danièle Kergoat, a “divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher)” (2007, p.599)⁸².

No poema, os espaços estão separados como núcleos de atividades próprias a cada gênero. A casa como o espaço doméstico que engloba um conjunto de atividades delegadas às mulheres. E o canteiro de obras como o espaço do trabalho produtivo, efetuado pelo operariado masculino.

O trabalho efetuado pelas mulheres - filhas e esposas dos operários - envolvia a alimentação, a arrumação e limpeza da casa e a organização do tempo que garantia ao operário melhor produtividade durante o expediente. No entanto, este trabalho era visto como algo à parte, não reconhecido como “trabalho”, mas dentro de um contexto social em que

⁸² Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie.” HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de pesquisa, v. 37, p. 595-609, 2007. p.599

essas atividades foram sendo atribuídas à mulheres, delimitadas a partir de papéis de gênero específicos. Assim, no poema, essas mulheres, que também são trabalhadoras “*da usina*” pois estão inseridas na rotina do canteiro de obras, não são reconhecidas pelo seu trabalho, que é visto como responsabilidade de mães, esposas e filhas.

O poema estabelece uma relação com a canção “Geni e o Zepelim” de Chico Buarque. Na canção, que faz parte do musical “Ópera do Malandro”, Geni é uma prostituta, uma personagem repudiada pela sociedade. Assim como na canção em que Geni ocupa um lugar de desprezo, o poema evoca seu nome para falar do envolvimento dos trabalhadores de Itaipu com as mulheres das casas de prostituição. A forma como o poema valoriza as esposas no âmbito familiar e doméstico serve ao propósito de contrapor as práticas dos operários:

Assim são de Maria,
ou de Joana,
ou de Rute,
ou de Marisa,
sem querer outra,
uma Geni talvez.
(...)

Hoje, por conhecerem
o amor que tem Maria,
que tem Joana,
que tem Rute,
e que tem Marisa,
ainda que alguém convoque,
não jogam nada na Geni.

O conhecimento das estratégias de controle de Itaipu, nas zonas de prostituição da cidade, escancara uma contradição no discurso moralista do Informativo. O poema lança um olhar sobre a prostituição, mas apenas um vislumbre, incapaz de reconhecer a situação como um dos desdobramentos da migração em massa de trabalhadores para construção da usina, um grupo de sujeitos majoritariamente masculino, com um grande número de solteiros. O Informativo, como meio de divulgação de um “discurso oficial” alinhado aos valores da empresa, procurou suavizar as tensões que advém do impacto urbano e ambiental causado por Itaipu.

3. MEMÓRIA E CONFLITO

A análise do Informativo Unicon permite observar os esforços empregados por Itaipu na institucionalização de uma memória dos trabalhadores. Na tentativa de estabelecer uma visão homogênea sobre o trabalho no canteiro de obras, a figura do barrageiro foi projetada como parte desta narrativa. Enquanto o termo tem um sentido comumente difundido para denominar os trabalhadores envolvidos em obras de barragens, a empresa vai atribuindo significados específicos.

O barrageiro é o trabalhador que vive o dia a dia de trabalho como uma missão em nome da pátria. É uma figura masculina, que pode fazer parte de um núcleo familiar composto pelo barrageiro, sua esposa e seus filhos ou pode ser também um homem solteiro. Embora os sentidos do barrageiro remetem a uma mobilidade, nas páginas do Informativo, Itaipu torna-se destino para onde confluem famílias de todo o país em busca das melhorias prometidas por uma obra gigante. Os contornos da obra vão tornando pequeno o operário, que visto de longe, como parte de um “exército de peões anônimos”, passa a ser reconhecido pelos feitos que ajudam a erguer Itaipu.

O Informativo Unicon, como ferramenta de comunicação do Órgão do Departamento de Bem-Estar Social, manteve claro desde o início o papel de porta-voz da realidade no canteiro de obras. Mas, conforme abordamos no Capítulo 1, a história de Foz do Iguaçu durante a construção da usina foi um campo de disputas de diferentes narrativas. A voz dos expropriados, dos moradores da cidade e de trabalhadores sindicalistas entra em conflito com as narrativas difundidas pela empresa. É por conta disso, que Itaipu utiliza de diferentes mecanismos para tentar tornar fixa uma perspectiva dos fatos.

Neste capítulo vamos analisar a forma como a narrativa apresentada pelo Informativo Unicon faz parte de um processo de “enquadramento de memórias” (POLLAK, 1989, p. 9), pois produz referências sobre o período da construção da usina que são recuperados no presente como parte de uma memória institucional. Esse quadro de referências institui datas como marcos celebrativos, produz discursos sobre acontecimentos e personagens tidos como importantes e cria representações⁸³.

A memória se atualiza e se institui a partir do conflito com diferentes narrativas, buscando adequar num discurso oficial o que mais agrega para a identidade de uma instituição

⁸³ “A representação é um contorno homogêneo, um quadro, que resulta dos processos de disputa e conflito da memória social” (GONDAR, 2005, p. 23)

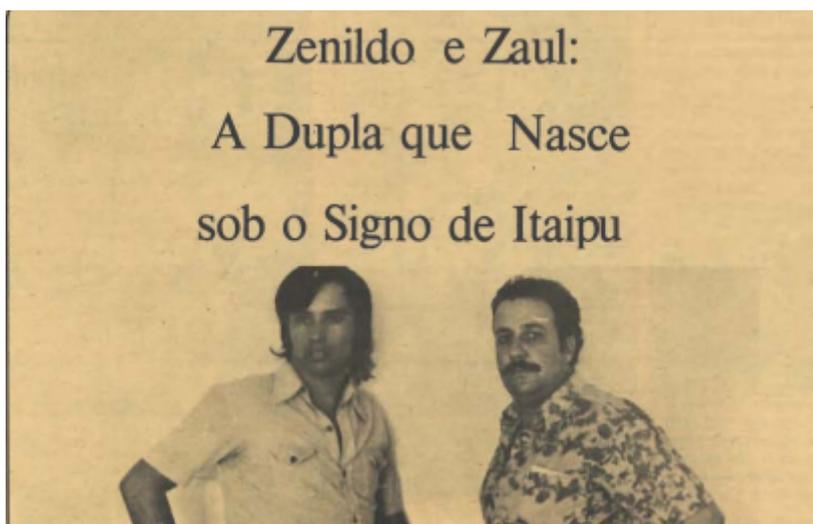
ou de um grupo. Conforme apresentamos no capítulo 2, a figura do barrageiro foi escolhida para representar de forma homogênea o grupo social dos trabalhadores.

3.1. REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS SOBRE O BARRAGEIRO

O Informativo Unicon trouxe menções a eventos organizados pela empresa que demonstram que Itaipu estava interessada em ajustar formas de falar sobre o barrageiro, associando o que seriam modos de ser e características próprias desse trabalhador. Portanto, as representações produzidas sobre o barrageiro também devem ser vistas a partir das hierarquias e conflitos do processo de institucionalização da memória.

Dentro do recorte analisado, vamos analisar quatro eventos, organizados entre 1977 e 1980. Em dezembro de 1977 foi realizado um concurso musical: 1º Festival da Viola.

Figura 10: Zenildo e Zaul foram a dupla vencedora com a música “*O Canto de Itaipu*”.



Fonte: Informativo UNICON. Ano I, nº 3, Canteiro de Obras de Itaipu, 10 mar. 1978. p.6

Para se inscrever no concurso, os participantes deveriam fazer uma música que envolvesse um dos seguintes temas: Itaipu, Brasil, Paraguai e **Barrageiro**. A dupla ganhadora, Zenildo e Zaul foi elogiada por conseguir envolver todos os temas em sua canção⁸⁴:

⁸⁴ Informativo UNICON. Ano I, nº 3, Canteiro de Obras de Itaipu, 10 mar. 1978. p.6

Eu nasci nas Três Fronteiras, num canto do Paraná, Onde o Brasil faz divisa Com Argentina e Paraguai. Aqui há tantas belezas Que me orgulho de contar, Não só feitas pelo homem Como também naturais. O nome da minha terra Explode no mundo Inteiro, No cenário mundial.	Surge agora Itaipu, O sonho de muita gente, Que une as vontades De dois povos diferentes. Vejo as cores das bandeiras Tremulando no horizonte. Nossa união é invejada Pelos outros continentes. Viva o verde e o vermelho, Vai aqui o nosso abraço Para os dois presidentes.	Paraguaios e brasileiros, Unidos pelo progresso, Trabalhando dia e noite, Lutando pelo sucesso. Aos amigos barrageiros Também vai o nosso abraço; Aceitem esta homenagem Nos simples versos que faço. Viva o peão brasileiro! Viva o peão paraguaio! Que não demonstram cansaço.
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

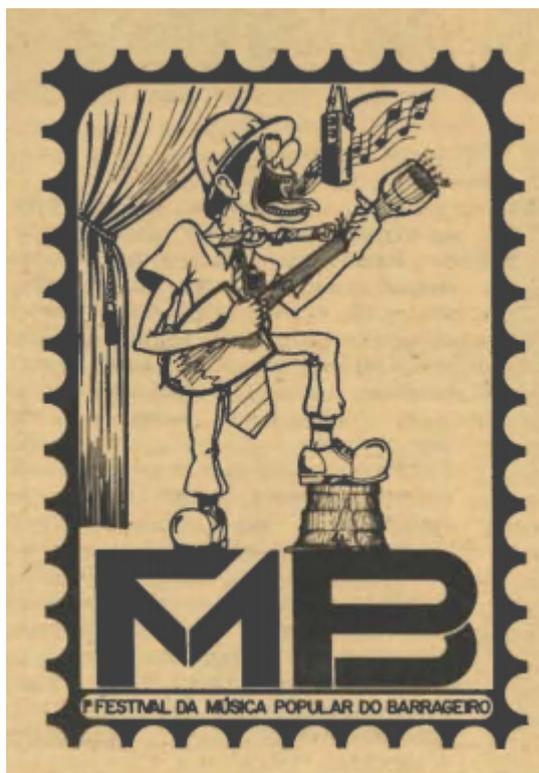
Aqui a música traz elementos que já foram comentados, sobre Itaipu como o resultado da união de dois povos, o barrageiro cujo trabalho não para e não demonstra cansaço. A canção coloca Itaipu ao lado das Cataratas como uma das belezas de Foz do Iguaçu. No entanto, o mais interessante nisso é que a organização desse tipo de evento demonstra que Itaipu estava interessada na produção de manifestações culturais sobre o barrageiro. O sucesso na participação do evento garantiu à dupla investimento de uma gravadora de Foz do Iguaçu para a produção de um LP. A música ganhou repercussão fora do canteiro de obras, com apresentação da dupla em uma rádio sertaneja de grande audiência em Porto Alegre.

Esta não foi a única vez que isso aconteceu, na 12ª edição do Informativo foi anunciada a abertura das inscrições para o 1º Festival da Música Popular do Barrageiro, a ser realizado no dia 15 de outubro de 1978. A partir desse momento o festival tornou-se um evento para expressão artística dos trabalhadores do canteiro de obras. O evento foi apresentado dentro do canteiro de obras, no Cine Teatro do Centro Comunitário. A premiação, patrocinada por estabelecimentos comerciais, contava com prêmios em dinheiro para os primeiros colocados - 1º a 3º lugar - e medalhas para demais classificados - do 4º ao 10º lugar⁸⁵.

Para este Festival também foi aberto um concurso com premiação para escolher o símbolo a ser propagado em toda divulgação. O participante ganhador também receberia um prêmio em dinheiro no valor de 1.000 cruzeiros. O símbolo escolhido foi divulgado na edição seguinte, feito por João Carlos Cardoso de Oliveira, apelidado de Joca.

⁸⁵ 1º lugar - 2.000 cruzeiros e troféu, 2º lugar - 1.000 cruzeiros e troféu, 3º lugar - 600 cruzeiros e troféu e para os demais colocados entre a 4ª e 10ª posição - medalhas. (Informativo UNICON. Ano I, nº 12, Canteiro de Obras de Itaipu, 12 ago. 1978. p.5)

Figura 11: Símbolo do Festival da Música Popular do Barrageiro.



Fonte: Informativo UNICON. Ano I, nº 13, Canteiro de Obras de Itaipu, 31 ago. 1978. p.5

Dessa vez com o tema livre, todos os trabalhadores brasileiros e paraguaios poderiam participar, o festival também abrangia uma grande variedade de ritmos. No símbolo, temos a imagem de um barrageiro, vestido de gravata, com o capacete de segurança na cabeça, transformando uma enxada em violão. Ele é a mescla de trabalhadores de diferentes cargos, o que corrobora com a chamada do festival para todos aqueles que quiserem participar.

O tema livre permitia uma maior variedade nas letras das músicas, mas as que foram premiadas e divulgadas no jornal foram aquelas que validaram a imagem do ambiente de trabalho e dos ideais da UNICON⁸⁶. Dentre estas, a letra do terceiro colocado chama a atenção:

⁸⁶ O título de algumas letras publicadas também fazem pensar sobre os temas recorrentes nas músicas. 1º lugar: Itaipu, Orgulho de Duas Raças. 2º lugar: Itaipu, a Pedra que Canta. 3º lugar: Eu Vou e Volto. 4º lugar: Canción a Itaipu. 5º lugar: Unicon, La Gran Empresa. 6º lugar: Herói Desconhecido. 7º lugar: O Barrageiro. 8º lugar: Amor e Paz. 9º lugar: Compañero Mío. 10º lugar: Pagode Itaipu. (Informativo UNICON. Ano I, nº 16, Canteiro de Obras de Itaipu, 18 out. 1978. p.8)

EU VOU E VOLTO

Adão Pereira dos Santos

Eu quero gritar bem alto
Para o mundo inteiro me ouvir cantar,
Quero que minha Maria
Lá na Bahia vá me ouvir falar.
Seu coração vai doer,
Mas ela vai saber como aqui está.
Aqui está tudo bem
Só falta um alguém pra me acarinhar

Aqui me falta tudo isso
Só tenho serviço em todos os momentos
A tarde quando o sol se esconde
Vou pegar o ônibus para o Alojamento.
Eu passo a noite sozinho,
Sem seus carinhos, sei que não aguento.
Se nada me acontecer,
Eu vou ver você neste pagamento

Quero passar muitos dias,
Com você Maria e nosso filho Artur;
Quero levar para as crianças
Muitas lembranças de Foz do Iguaçu;
Quero matar meu desejo
Te cobrir de beijos e te chamar de tu.
Mesmo sem querer eu vou
No outro dia voltar para Itaipu.⁸⁷

Um trabalhador baiano canta para sua esposa sobre a saudade que sente de casa, mas entre a falta dos carinhos e da família ele revela aspectos da rotina do trabalho que não apareceram nas outras canções. Diz à sua esposa que vai doer quando ouvir sobre o que se passa com ele durante os períodos longe de casa, fala da solidão e de trabalho incessante. Também fala da vontade de visitá-la, mas que se isso só será possível “se nada me acontecer”. O verso remete à ameaça dos acidentes de trabalho aos quais os trabalhadores estavam

⁸⁷ Informativo UNICON. Ano I, nº 17, Canteiro de Obras de Itaipu, 9 nov. 1978. p.5

expostos. Os últimos versos projetam o desejo de estar junto da família e a volta para o trabalho é motivada mais pela necessidade.

A ampla participação do público nos festivais de música incentivaram a organização de novos eventos nos anos seguintes. Em 1979, o II Festival Artístico de Itaipu incluiu diferentes modalidades: “Desta forma, o festival estará aberto para o Artesanato, Desenho, Humorismo, para a Pintura, Poesia, Instrumentação, Imitação e Dublagem, Mímica, Interpretação e Música - composição e apresentação.”⁸⁸ De acordo com os dados apresentados pelo Informativo, foram 75 participantes, que se candidataram em diferentes categorias, totalizando “142 apresentações protagonizadas pelo barrageiro de Itaipu.”⁸⁹ O concurso contou com etapas eliminatórias para concorrer por troféus e prêmios em dinheiro. As músicas interpretadas entre os 20 classificados trazem temas interessantes: “Sambão Itaipu”, “Cidadão Peão”, “Desabafo”, “Percorrendo o Brasil”, “O Homem de Itaipu” e “Missão de Barrageiro”. Embora as letras dessa vez não tenham sido publicadas, os títulos sugerem músicas que falam da trajetória do operário migrante, de um caráter típico e trazem mais uma vez a produção artística em torno figura do barrageiro. O festival aconteceu no Centro Comunitário. Nesse festival foi incentivada a participação de trabalhadores brasileiros e paraguaios, mas é interessante ressaltar também que no Paraguai foram realizados outros eventos como Festivais de Música e Mostra de Artesanato para os trabalhadores da CONEMPA (consórcio do lado paraguaio).

Em 1980, o III Festival Artístico foi antecipado com alta expectativa pelo Informativo, que anunciava a grande qualidade das obras que estavam concorrendo, entre música, pintura e artesanato. O festival marcava as comemorações do 5º aniversário da UNICON e semelhante aos anteriores tinha premiações para os primeiros colocados, com a diferenciação de um troféu para o setor que obtivesse maior pontuação. O evento final aconteceu no Cineteatro do Centro Comunitário e foi transmitido pela Rádio Cultura de Foz do Iguaçu. Em primeiro lugar, venceu Angel G. Palmas com a canção “Itaipu”:

Entre selvas e quebradas
corre inmenso el Paraná
y surcando va las tierras
del tupí y el guaraní

En sus silenciosas aguas

⁸⁸ Informativo UNICON. Ano II, nº 31, Canteiro de Obras de Itaipu, 23 ago. 1979. p.5

⁸⁹ Informativo UNICON. Ano II, nº 36, Canteiro de Obras de Itaipu, 1º nov. 1979. p.7

yacen dormidas energías
que Paraguayos e Brasileños
hoy transformando están. (bis)

Como hermanos en procura de un destino
marchemos hacia una nueva alborada
que este nuevo amanecer
traiga para nuestros pueblos
pan, trabajo y cultura
para nuestra heredad.

Itaipu, pronto será
una bella realidad
y la historia siempre
siempre la recordará. (bis)

Avanzando vamos juntos
con firmeza y con valor
construyendo paso a paso
la hidroeléctrica “ITAIPU”.

Los progresos realizados
revelan a todo el mundo
que “la unión hace la fuerza”
y amistad motiva más. (bis)

Como hermanos

Outra canção cuja letra e tema se destacam entre os primeiros colocados foi “Progresso” da dupla Zaul e Magal, a mesma dupla que ganhou o Festival da Viola:

Meu companheiros
de jornada, aqui presentes,
quero cantar e me apresentar nesta canção:
Sou um pedacinho desta massa de gigantes
que lutam com o progresso da nação.
Eu sou um peão
e fui criado na fronteira,
onde só se fala o português e o guarani;
onde se unem, lá bem no alto, as bandeiras

do Paraguai e do meu querido Brasil.

Vocês me lembram
que foi quase há vinte anos
nossa amizade pelo mundo se espalhou,
marcando história.
Com a Ponte da Amizade,
o ideal dos dois países confirmou-se.
Agora vemos.
para o bem de tanta gente.
nós construindo, todos juntos, Itaipu.
Mais uma luz
que levamos bem distante
a iluminar os corações de norte a sul.

A escolha das canções favorecem temáticas recorrentes no Informativo que associam Itaipu ao progresso. A música de Angel G. Palmas mostra a construção como o esforço para extrair do Rio a energia que estava adormecida, inutilizada. Itaipu, dessa forma, como o verdadeiro potencial do Rio Paraná. Conforme comentário em matéria sobre o evento:

A música “épica” de Palmas agrega o valor de brasileiros e paraguaios, empenhados definitivamente naquela que já se transforma na maior hidrelétrica do mundo. Na mesma linha da campeã, a terceira colocada, a sertaneja “Progresso”, exalta a interação social e o entendimento entre os operários brasileiros e paraguaios.⁹⁰

Os festivais são o momento em que as manifestações artísticas dos trabalhadores são celebradas a partir dos critérios escolhidos pela instituição, definindo uma forma de falar sobre o barrageiro. “A força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social” (PESAVENTO, 2003, p.41). Podemos pensar na premiação como uma estratégia de regular o material produzido, incentivando a escolha dos participantes que, envolvidos na rotina do trabalho, tinham consciência dos valores exaltados pelos patrões. As músicas, os poemas, as imagens produzidas sobre os barrageiros que são difundidas e premiadas pelos canais de comunicação da empresa dão legitimidade à essa representação.

⁹⁰ Informativo UNICON. Ano III, nº59 , Canteiro de Obras de Itaipu, 31 out. 1980. p.5

Ao passo que o barrageiro vai se constituindo num enunciado para falar sobre os trabalhadores, a Itaipu demonstra uma preocupação com outras representações sobre o contexto do trabalho na usina. No dia 1º de Maio de 1980, Dia do Trabalho, o artista Lívio Abramo, prestou homenagem aos trabalhadores através do seguinte desenho:

Figura 12: Aos trabalhadores de Itaipu.



Fonte: ABRAMO, LÍVIO. 1980. Impressão offset, 29,5 x 44,6cm

<<https://web.archive.org/web/20230324161456/https://mam.org.br/acervo/2005-050-abramo-livio/>> Acesso em 25/05/2023

Lívio Abramo (1903 - 1992) foi um renomado artista de gravura brasileiro, sua obra deixa claro um compromisso social, resultado da experiência política do artista que chegou a ser filiado do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e dedicou-se também ao sindicalismo. Em 1962 ele recebeu o convite de integrar a Missão Cultural Brasil-Paraguai, contexto pelo qual o artista mudou-se para o Paraguai, onde radicou-se e passou o resto da vida⁹¹. Os resultados do

⁹¹ LÍVIO Abramo. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9132/livio-abramo>>. Acesso em: 21 de maio de 2023. Verbete da Enciclopédia.

seu trabalho nesse período incluem “a defesa do patrimônio histórico-cultural das antigas missões jesuíticas” e “a integração entre as comunidades artísticas dos dois países” (NEPOMUCENO, 2001, p.5-6).

O desenho do artista “Aos trabalhadores de Itaipu” tem uma composição em dois planos. No canto superior esquerdo, ao fundo, vemos os trabalhadores de costas realizando alguma tarefa do trabalho. No primeiro plano, vemos com destaque os rostos dos trabalhadores, como se fosse uma aproximação desses sujeitos que aparecem sem muitos traços definidos ao fundo. Todas as faces têm características distintas, que permitem ver o que diferencia cada um desses trabalhadores, com expressões que vão desde o sorriso à expressão do cansaço. No Informativo Unicon, sem reproduzir uma cópia da obra, há uma matéria em que o artista comenta o próprio desenho:

Com respeito ao desenho de rostos de trabalhadores, distribuído por ocasião do dia 1º de Maio, manifesta-se o artista: “Ao fixar esses traços de pessoas eu quis render uma homenagem aos homens que empregam suas forças na construção dessa grande obra de engenharia. A homenagem foi dirigida a todos, sejam paraguaios, brasileiros ou de outras nacionalidades, sem nenhuma discriminação.” **Sobre as expressões de fadiga percebidas nos rostos, explica:** “Deve-se a que os desenhei no leito do rio, ao final da jornada de trabalho.”⁹²

A obra aparece a partir de uma indagação sobre a fadiga no rosto dos trabalhadores, que vai contra a imagem do “homem de aço” que desafia o cansaço. Como bem observado na análise de Thalita Aguiar Ferreira da Silva sobre a obra do artista:

“Lívio Abramo representava os trabalhadores de forma denunciatória, com feições tristes, rostos magros. Suas gravuras são fragmentos de sua própria natureza e da natureza que quis representar: a do trabalhador fabril inserido na modernidade e suas vicissitudes. (...)”⁹³

Por essa característica, em 2010 o desenho do artista foi escolhido para compor um mural em homenagem aos trabalhadores que faleceram durante a construção da usina. Inaugurado no lado paraguaio, durante o Festival “Canto De Todos – Mandu’arã Purahéi” em ocasião do aniversário de 37 anos do tratado de Itaipu, o evento relembrou as lutas e

⁹² Informativo UNICON. Ano III, nº 50, Canteiro de Obras de Itaipu, 18 jun. 1980. p.5. grifo do autor.

⁹³ DA SILVA, Thalita Aguiar Ferreira. Narrativas visuais e ethos artístico na Era Vargas: Os operários de Lívio Abramo. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011. p.7

conquistas do movimento sindical dos trabalhadores paraguaios. O mural fez parte de uma mostra itinerante que reuniu documentos, fotografias e testemunhos de ex-trabalhadores e seus familiares.⁹⁴ As notícias sobre o evento divulgaram um relato de Lívio Abramo em que o autor fala da relação entre trabalhador e obra, enaltecendo a propriedade do trabalho humano:

“Si se enaltece a la obra, ¿por qué no exaltar al hombre, a los hombres que con sus brazos, sus manos su sudor y dedicación son las que están tornando una realidad el proyecto de esta hidroeléctrica sin igual en el mundo? (...) Son los hombres, son las manos que están levantando esta gesta moderna comparable a las grandes obras de la naturaleza. Las aguas que correrán entre estas paredes de cemento y acero, recordarán, en su fragor, la gesta de estos trabajadores” (Lívio Abramo, mayo de 1980).

O memorial paraguaio aponta diferentes formas de lembrar o passado, que está muito ligado à trajetória de reivindicações dos ex-trabalhadores que atuaram na usina e denunciam a negligência no pagamento de benefícios⁹⁵. Nossa pesquisa se delimita ao contexto de Foz do Iguaçu, mas a análise do contexto paraguaio instiga futuras investigações sobre o tema.

3.2. “RASTROS DE MEMÓRIA”

O ano de 2010 em Foz do Iguaçu também marca um momento em que os desdobramentos do processo de disputa pela memória dos trabalhadores, pode ser percebido no investimento, por parte da empresa, em espaços de memória na cidade. Segundo Pollak, o processo de enquadramento de memórias também deixa como rastros objetos materiais: “monumentos, museus, bibliotecas etc. A memória é assim guardada e solidificada nas pedras” (POLLAK, 1989, p.10)

Em 2010, do lado brasileiro, aconteceu a inauguração do “Espaço do Barrageiro” que contou com uma ampla divulgação para reunir relatos dos trabalhadores⁹⁶. O lugar escolhido,

⁹⁴ Festival “Canto De Todos – Mandu’ará Purahéi”. Itaipu. 26 abr. 2010. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/es/sala-de-prensa/noticia/festival-%E2%80%9Ccantode-todos-%E2%80%93-mandu%2%B4ara-purahi%E2%80%9D>> Acesso em 22 mai. 2023.

⁹⁵ Um processo que se desdobra até o presente, em abril de 2023 o sindicato dos ex-trabalhadores da usina realizou uma manifestação na Ponte da Amizade para denunciar a negligência quanto ao pagamento dos benefícios e falar sobre a paridade dos direitos entre brasileiros e paraguaios.

Exobrereros paraguayos de Itaipú en protesta bloquean puente con Brasil. Prensa Latina. 18 abr. 2023. Disponível em:

<<https://www.prensa-latina.cu/2023/04/18/exobrereros-paraguayos-de-itaipu-en-protesta-bloquean-puente-con-brasil>> Acesso em 23 de mai. 2023.

⁹⁶ PTI seleciona bolsistas para projeto Espaço do Barrageiro em Foz do Iguaçu. Clickfoz, Foz do Iguaçu, 15 jul. 2010. Disponível em:

dentro do PTI, foi um dos alojamentos dos operários durante a construção da obra. A estrutura montada no espaço procura guiar o visitante através de salas que contextualizam o período e permitem uma fruição do passado no presente.

Ao chegar, o visitante entra numa sala com recortes de jornal do período, onde reconhecemos alguns recortes do Informativo Unicon que falam sobre os alojamentos, sobre o ritmo da obra e sobre as promessas de futuro da usina. Um aparelho de televisão exibe um vídeo⁹⁷ que resume aquele momento como a escrita de “um capítulo da história da humanidade” em que o conflito deu lugar à conciliação. O vídeo é pautado em contrapontos: o bem contra o mal e a amizade (referindo-se a relação entre trabalhadores brasileiros e paraguaios) contra à guerra. A conclusão do vídeo firma Itaipu do lado certo entre esses opostos: “com o discernimento entre usar o conhecimento para construir ou destruir, resolvemos construir a base para o futuro de milhões de pessoas.”

Na sala seguinte, algumas expressões artísticas dos trabalhadores são apresentadas: grafites, desenhos e poemas. Com destaque para o trabalho de Rusmildo Pedrozo, reconhecido por suas pinturas na parede dos alojamentos. O objetivo desta exposição é demonstrar a criatividade dos trabalhadores em meio à rotina de trabalho.

Seguindo o trajeto, o visitante chega a uma réplica do quarto em que os trabalhadores alojados ficavam hospedados. As salas anteriores preparam o visitante para este momento em que ele adentra o passado. É um espaço que materializa o “medo de uma perda de memória” (LE GOFF, 2003. p.473), reconstituindo um passado que sob o ponto de vista da empresa merece ser preservado. Os beliches, o ventilador, o rádio, o uniforme, os sapatos e outros elementos procuram transmitir a experiência do passado, colocar o visitante sob a ótica do operário, mostrando um espaço onde era possível uma socialização e vivência confortável.

A última sala, com características de uma mini-sala de cinema, com pôsteres exibidos nas paredes, exibe trechos de entrevistas com os trabalhadores. Essas entrevistas, pontuadas em “causos”, episódios pitorescos do cotidiano, vão pautando a harmonia entre os trabalhadores, enquadradas na visão da usina.

O “Espaço do Barrageiro” é um dos exemplos como a empresa, no presente, mantém o interesse na narrativa sobre os trabalhadores. Em 2020, a empresa anunciou a inclusão dessa história no circuito turístico da cidade a partir de um “city tour temático pelas vilas erguidas

<<https://www.clickfozdoiguacu.com.br/pti-seleciona-bolsistas-para-projeto-espaco-do-barrageiro-em-foz-do-iguacu-6181/>> Acesso em 6 mai. 2023

Você já foi um barrageiro em Itaipu? Clickfóz, Foz do Iguaçu, 28 mai. 2011. Disponível em: <<https://www.clickfozdoiguacu.com.br/voce-ja-foi-um-barrageiro-em-itaipu-8829/>> Acesso em 6 mai. 2023.

⁹⁷Transmídias PTI. Sala de Contextualização | Espaço do Barrageiro PTI. Youtube, 27 de abr. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5FRt8SN0fd4&t=7s>> Acesso em 6 mai. 2023.

durante a construção da maior produtora de energia do mundo”. Embora não tenha sido inaugurado, a última atualização sobre o projeto prevê uma centralização desse roteiro no bairro da Vila A, destacando lugares como o IFPR (antigo Floresta Clube)⁹⁸, Colégio Anglo Americano e o Hospital Municipal Costa Cavalcanti como legado da construção da usina para o desenvolvimento e urbanização da cidade. A justificativa de que “o tour será uma espécie de homenagem às histórias da usina e de Foz do Iguaçu, **umbilicalmente conectadas**”, evidencia a intenção de atrelar a história de Foz do Iguaçu à construção da usina⁹⁹.

A parada final do roteiro seria a Casa do Barrageiro¹⁰⁰, um projeto que ainda não foi inaugurado, mas que prevê a intervenção em uma das antigas moradias da Vila A, para construção de um espaço de homenagem aos trabalhadores, voltado a fins turísticos.

Esses projetos apontam para os problemas dos usos do “barrageiro” como uma categoria homogênea, são espaços voltados ao turista e ao olhar do visitante que expõem a história dos trabalhadores a partir do legado que deixaram: Itaipu. Os espaços e o roteiro indicado reforçam a continuidade de uma memória que se atualiza no presente em concordância com uma herança compartilhada. Assim, a trajetória dos sujeitos, sua experiência com a cidade e os conflitos são apagados numa narrativa ordenada entre o que passou e o legado que fica.

Na mesma rota do turismo, os visitantes da Itaipu são colocados em contato com duas obras que falam sobre o barrageiro. A primeira delas, uma escultura que está posicionada na entrada do mirante principal, o “Homem de Aço”:

Figura 13: Escultura “Barrageiro - Homem de Aço”

⁹⁸O Floresta Clube foi um espaço de sociabilidade dos trabalhadores e suas famílias, onde aconteciam eventos e festas, ficava localizado na Vila A, onde hoje está o IFPR.

⁹⁹ROTEIRO MEMÓRIA: ITAIPU VAI OFERECER TOUR HISTÓRICO PELAS VILAS ERGUIDAS DURANTE A CONSTRUÇÃO DA USINA. Itaipu. 10 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/roteiro-memoria-itaipu-vai-oferecer-tour-historico-pelas-vilas-erguidas-dur>> Acesso em 23 de mai. 2023

¹⁰⁰CASA DOS BARRAGEIROS. Equipe B. Disponível em: <<https://www.equipeb.arq.br/projects/casa-dos-barrageiros/>> Acesso em 23 de mai. 2023.



Fonte: <<https://www.flickr.com/photos/eliasroviello/16709286465>> Acesso em 23 mai. 2023

A escultura construída pelos operários com peças de sucata foi apelidada de “Nicão” em referência ao consórcio Unicon¹⁰¹. Esta imagem do homem de aço foi bastante utilizada do ponto de vista empresarial: ela apresenta a imagem de um trabalhador que aguenta todas as condições de trabalho para manter o ritmo de trabalho da obra. Ao mesmo tempo que tem esse sentido, o homem de aço é uma figura híbrida, resultado da mistura do sujeito com a máquina, representando a forma como o trabalho na usina vai assumindo todos os aspectos da sua identidade.

A segunda obra é o mural de Poty Lazzarotto feito em parceria com Adoaldo Lenzi Júnior, um dos últimos trabalhos do artista antes de falecer. O painel tem dois lados, na frente a composição em azulejos e pintura que retrata ao estilo do artista as etapas da construção da

¹⁰¹ BENETA, Claudio Dalla. Homem de Aço: de “Nicão” a símbolo de 40 mil barrageiros. H2Foz. Foz do Iguaçu, 23 abr. 2019. Seção: História. Disponível em: <<https://www.h2foz.com.br/geral/homem-de-aco-de-nicao-a-simbolo-de-40-mil-barrageiros/>> Acesso em 24 mai. 2023

usina. Com destaque para a conclusão do Canal de Desvio, com a imagem da detonação de explosivos e a instalação das unidades geradoras:

Figura 14: Painele do Barrageiro, Poty Lazzarotto. Fotografia.



Fonte:

<<https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/painel-do-barrageiro-vira-patrimonio-cultural-do-parana>>

Acesso em 24 mai. 2023

Figura 15: Destaque: Painele do Barrageiro, Poty Lazzarotto. Do lado esquerdo a conclusão do Canal de Desvio e do lado direito a instalação das unidades geradoras.



Fonte: Acervo pessoal.

Na pesquisa feita por Igor da Silva Batista, o autor demonstra a partir da obra que os trabalhadores aparecem como pioneiros trazendo o progresso para Foz do Iguaçu:

o painel foi uma forma que Itaipu encontrou para homenagear os milhares de trabalhadores que passaram pelo canteiro de obra da barragem, porém a imagem que o painel passa é de “homens desbravadores”, em todo o painel está escrito: “ói a onça”, que foi uma expressão muito usada pelos primeiros colonizadores da região oeste do Paraná, como forma de advertência caso avistassem uma onça. Então, os

trabalhadores que chegavam a Foz do Iguaçu, seriam os novos colonizadores, responsáveis por trazerem o “progresso” para a região. (BATISTA, 2016)

Mas gostaria de chamar atenção para o duplo movimento que acontece na obra. Do lado esquerdo para o lado direito vemos sendo contada essa história da usina na perspectiva do progresso. Contudo, as gralhas azuis¹⁰² que também fazem parte da pintura voam da direita para a esquerda, num movimento em direção ao arco íris que faz um círculo ao redor dessa composição da natureza que é rompido pelas máquinas. Esse movimento nos leva atenção para o outro lado da obra, o seu verso também diz sobre a história da usina, mas a partir de um sentido de perda.

Figura 16: Verso do mural de Poty Lazzarotto.



¹⁰² A gralha azul é recorrente em outras obras de Poty Lazzarotto, a ave é tida como símbolo do Paraná devido à sua importância para o ecossistema “Mata de Araucárias”.



Fonte: <https://sentidosdoviar.com/paineis-de-poty-lazarotto-no-parana/#Poty_by_Bike> Acesso em 23 mai. 2023.

Esse lado da obra é uma composição de concreto que expressa o impacto ambiental da usina, com figuras em relevo de “pássaros, tamanduá-bandeira e outros animais”¹⁰³. A imagem que se projeta e que parece em primeiro momento o vertedouro da usina é na verdade uma representação da extinta paisagem dos Saltos das Sete Quedas¹⁰⁴, que foi inundada após a formação do Lago de Itaipu.

O painel feito por Lazarotto homenageia os trabalhadores que atuaram na usina, mas também expõe as contradições do processo de instalação da hidrelétrica. Um sentido que é ofuscado a partir do discurso da empresa de sustentabilidade, que no lugar de reconhecer espaços que se perderam e pessoas que foram afetadas, fixa em estratégias de contenção de danos, como medidas que alicerçam o compromisso com o ambiente e com o desenvolvimento das cidades afetadas.

¹⁰³ Em nota de Lenzi Junior para o jornal Folha de Londrina. Painel Homenageia Barrageiros. Folha de Londrina. 15 nov. 1998. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/painel-homenageia-barrageiros-108207.html?d=1>> Acesso em 23 mai. 2023

¹⁰⁴ As Sete Quedas estavam localizadas no município de Guaíra e eram consideradas as maiores cachoeiras do mundo antes do alagamento para formação do Lago de Itaipu.

Podemos perceber no conjunto de representações construídas em torno do barrageiro a forma como a administração de Itaipu tem articulado diferentes narrativas sobre a construção da usina, agregando à memória institucional aquelas que legitimam a importância da usina e seu papel no desenvolvimento da cidade de Foz do Iguaçu. As memórias estão em disputa (POLLAK, 1989, p. 4), mesmo nos discursos oficiais captamos o diálogo com elementos contraditórios: os riscos do acidente de trabalho nas canções, a árdua rotina de trabalho na pintura de Lívio Abramo e na escultura do Homem de Aço, assim como as implicações da construção da usina para o ecossistema da região no painel de Poty Lazzarotto. As contradições são evidências da disputa que acontece no âmbito social entre as memórias dos trabalhadores, dos expropriados e dos moradores da cidade que compartilham diferentes perspectivas sobre a “chegada do progresso” a Foz do Iguaçu. Existem tantas memórias coletivas quanto grupos sociais que compõem uma sociedade, não é porque não são incorporadas à memória oficial que deixam de existir, passando a circular por meios *subterrâneos*, continuam a pulsar, garantindo sua duração ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historiografia recente, principalmente representada pelos trabalhos analisados de Odirlei Manarin (2009) e Eduardo Ueda (2019), tem provocado um deslocamento sobre o termo barrageiro à medida que este deixa de ser visto como uma identidade fixa para referenciar-se aos ex-trabalhadores da usina. O termo barrageiro tem sentidos específicos que falam sobre a experiência de trabalhadores migrantes envolvidos no circuito das construções de hidrelétricas. A homogeneização sugerida do termo para agregar os trabalhadores de todos os cargos e níveis hierárquicos serve ao propósito de construir sentido entre os trabalhadores e a obra no qual atuam. Dessa forma, as diferentes experiências e conflitos próprios da trajetória desses sujeitos passa a ter seus significados produzidos em torno de um projeto cujos impactos reconfiguram territórios e mobilizam populações inteiras.

A análise do Informativo Unicon permitiu observar o processo pelo qual a administração de Itaipu desde o início da obra tem se dedicado a construir sentido entre os trabalhadores e a usina, utilizando das etapas da construção como marcos temporais. Conforme vimos no primeiro capítulo, a construção dessa memória acompanha o projeto da Ditadura Militar e a promessa de um “Brasil Grande”, sendo assim a usina representava um caminho para alcançar o desenvolvimento do país. Pudemos perceber dentro do recorte analisado, a transição de um discurso da Itaipu como potencial para tornar-se uma realidade concreta, a partir da conclusão do Canal de Desvio.

Na organização de uma memória institucional, a figura do barrageiro foi utilizada para representar os trabalhadores. No capítulo 2 identificamos diferentes momentos no Informativo que o termo foi articulado, atribuindo características específicas na construção do barrageiro como uma figura típica: o operário anônimo que enfrenta todas as adversidades para alcançar a meta, patriota e cristão. No terceiro capítulo, analisamos a construção de um quadro de referências sobre o barrageiro a partir de manifestações culturais, como os festivais, os logos e as músicas premiadas. E para entender os desdobramentos desse processo, analisamos também os espaços de memória e monumentos dedicados à falar sobre o barrageiro na cidade.

A pesquisa confirmou a hipótese inicial, demonstrando que desde o período da construção foi projetada uma representação dos trabalhadores que ocultava os conflitos próprios da experiência do trabalho na usina. Essa monografia também cumpre o objetivo inicial de investigação da historicidade do termo barrageiro, apresentando as características que foram sendo atribuídas ao longo do tempo.

Como um projeto de monografia, esta pesquisa ainda apresenta muitas possibilidades. O Informativo Unicon tem publicações que vão até 1988, o avanço do mapeamento do Informativo e da análise do material forneceria novas perspectivas sobre memória e representações sobre os trabalhadores. Além disso, a análise do contexto paraguaio também merece atenção, pois ainda não há muitas pesquisas sobre o assunto, assim como a questão que foi brevemente comentada sobre a divisão sexual do trabalho no contexto das vilas residenciais. Um outro aspecto interessante também seria entender como essas representações produzem masculinidades.

Por fim, retomo a afirmação de Pollak: “nenhum grupo social, nenhuma instituição, por mais estáveis e sólidos que possam parecer, têm sua perenidade assegurada.” A memória está em disputa, enquanto a figura do barrageiro tem a cor do concreto, cinza, homogeneizadora, a história contada pelos ex-trabalhadores, suas famílias e pelos moradores da Vila C é como um mosaico de diferentes cores, apresentando as dificuldades, as conquistas, alegrias, anseios e expectativas, uma estreita relação entre a vida e o trabalho desses sujeitos.

REFERÊNCIAS

Fontes Primárias:

Informativo Unicon ed. 1 - 63. Canteiro de Obras de Itaipu, 1978 - 1980.

Ata de Iguaçu de 22 jun. 1966. Publicado no “Diário Oficial da União” de 8 ago. 1966, págs. 9.061/62) Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/sites/default/files/af_df/ataiguacu.pdf>
Acesso em 9 mar. 2022.

Fontes Secundárias:

ABRAMO, LÍVIO. **Aos trabalhadores de Itaipu**. 1980. Impressão offset, 29,5 x 44,6cm <<https://web.archive.org/web/20230324161456/https://mam.org.br/acervo/2005-050-abramo-livio/>> Acesso em 25 mai. 2023

BARROS, José d'Assunção. **Teoria da História**, vol. II: Os primeiros paradigmas: positivismo e historicismo. Editora Vozes Limitada, 2013.

BATISTA, Igor da Silva. **A Itaipu e o “progresso”**: Uma análise da memória de ex-trabalhadores (1973-2016). 2016. Trabalho de Conclusão de Curso.

BENETA, Claudio Dalla. Homem de Aço: de “Nicão” a símbolo de 40 mil barrageiros. **H2Foz**. Foz do Iguaçu, 23 abr. 2019. Seção: História. Disponível em: <<https://www.h2foz.com.br/geral/homem-de-aco-de-nicao-a-simbolo-de-40-mil-barrageiros/>>
Acesso em 24 mai. 2023

BRIGHENTI, Clovis Antonio; OLIVEIRA, Osmarina de. **Imagem e memória dos Avá-Guarani paranaenses**. 2020. Disponível em: <<https://portal.unila.edu.br/editora/livros/imagem-e-memoria-dos-ava-guarani-paranaenses>>
Acesso em 9 mar 2022.

CASA DOS BARRAGEIROS. Equipe B. Disponível em: <<https://www.equipeb.arq.br/projects/casa-dos-barrageiros/>> Acesso em 23 de mai. 2023.

CATTA, Luiz Eduardo et al. **O Cotidiano de uma Fronteira: a Perversidade da Modernidade**. 1994.

DA SILVA, Thalita Aguiar Ferreira. Narrativas visuais e ethos artístico na Era Vargas: Os operários de Lívio Abramo. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011.

DE FARIA CRUZ, Heloisa; DA CUNHA PEIXOTO, Maria do Rosário. NA OFICINA DO HISTORIADOR: CONVERSAS SOBRE HISTÓRIA E IMPRENSA. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 35, 2007.

DE OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida. Informativo Unicon: o desafio de um jornal empresarial no canteiro de obras de Itaipu. **Dito Efeito-Revista de Comunicação da UTFPR**, v. 8, n. 13, p. 1-16, 2017.

EPOPEIA. In: Michaelis, **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos Ltda 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/epopeia/>>. Acesso em: 02/02/2023.

Ernesto Geisel, **Memórias da Ditadura**. Disponível em: <<https://memoriasdeditadura.org.br/biografias-da-ditadura/geisel/>>. Acesso em 06/03/2023.

Exobrereros paraguayos de Itaipú en protesta bloquean puente con Brasil. **Prensa Latina**. 18 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.prensa-latina.cu/2023/04/18/exobrereros-paraguayos-de-itaipu-en-protesta-bloque-an-puente-con-brasil>> Acesso em 23 de mai. 2023.

FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. **Cassacos: trabalhadores na lida contra a fome e a degradação nas obras públicas em tempos de secas.(Ceará, anos 1950)**. 2017.

FERREIRA, Lucia M. A. As práticas discursivas e os (im) previsíveis caminhos da memória. in: **O que é Memória Social**. Rio de Janeiro, Contracapa, 2005. p.105-114.

FESTIVAL ARTÍSTICO, “CANTO DE TODOS – MANDU’ARÃ PURAHÉI”. **Itaipu Binacional**, 2010. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/node/2623>>. Acesso em 06 mar. 2023.

FICO, Carlos. O anseio pelo Brasil grande. in: **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil, 1969-1977**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997. p.77

FRANÇA, Georgeana Barbosa de. **Barragens e barrageiros: um estudo sobre os processos de construção de identidades coletivas em uma área de empreendimentos hidrelétricos**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre a Memória Social in **O que é Memória Social**. Rio de Janeiro, Contracapa, 2005.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, p. 595-609, 2007. p.599

LE GOFF, Jacques et al. **História e memória**. 2003.

LÍVIO Abramo. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9132/livio-abramo>>. Acesso em: 21 de maio de 2023. Verbetes da Enciclopédia.

MANARIN, ODIRLEI. **Peões da barragem. Memórias e relações de trabalho dos operários da construção da Hidrelétrica de Itaipu–1975-1991**. Marechal Cândido Rondon, 2008.

MASCARENHAS, Milena Costa et al. **Poeira X Unicon: confrontos e contrapontos entre expropriados e Itaipu**. 2011.

MENDES, Inaiara Lôbo et al. **Memórias subterrâneas: produção de acervo e espaços de diálogo sobre cotidiano, violência e resistência dos Trabalhadores de Foz do Iguaçu**. 2019. Disponível em:

<https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5233/IISIEPE_%20%2032-35.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 26 mai. 2023

MENEZES, Fernando Dominience. **Enunciados sobre o futuro: ditadura militar, Transamazônica e a construção do “Brasil grande”**. 2007. p.91

NEPOMUCENO, Maria Margarida Cintra. A Missão Cultural Brasileira e a atuação de Livio Abramo no Paraguai. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2001

NICKSON, Andrew. El régimen de Stroessner (1954-1989). **Historia del Paraguay**. Asunción: Taurus, p. 265-294, 2010.

Nossa História. Itaipu. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/nossahistoria>> Acesso em 23 mai. 2023.

Os filhos esquecidos de Itaipu. **The Intercept Brasil**, 2021. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/01/06/prostituicao-controlada-pela-ditadura-para-construir-itaipu-deixou-legiao-de-criancas-sem-pai/>> Acesso em 07 mar. 2023.

Painel do Barrageiro, Poty Lazzarotto. Fotografia. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/painel-do-barrageiro-vira-patrimonio-cultural-do-parana>> Acesso em 24 mai. 2023

Painel Homenageia Barrageiros. **Folha de Londrina**. 15 nov. 1998. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/painel-homenageia-barrageiros-108207.html?d=1>> Acesso em 23 mai. 2023

PTI seleciona bolsistas para projeto Espaço do Barrageiro em Foz do Iguaçu. **Clickfoz**, Foz do Iguaçu, 15 jul. 2010. Disponível em: <<https://www.clickfozdoiguacu.com.br/pti-seleciona-bolsistas-para-projeto-espaco-do-barrageiro-em-foz-do-iguacu-6181/>> Acesso em 06/05/2023

RAMMÉ, Juliana et al. As Vilas de Itaipu: padrão morfológico e evolução urbana. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 7, n. 2, p. e00115-e00115, 2019. p.10

RIBEIRO, Vitor Hugo; CASSULI, Danieli Cristina; FRASSÃO, Adair José Frasson. **Território e conflito**: breve histórico sobre a implantação da usina hidroelétrica Itaipu binacional e seus reflexos na produção do espaço.

ROTEIRO MEMÓRIA: ITAIPU VAI OFERECER TOUR HISTÓRICO PELAS VILAS ERGUIDAS DURANTE A CONSTRUÇÃO DA USINA. Itaipu. 10 jul. 2020. Disponível em:

<<https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/roteiro-memoria-itaipu-vai-oferecer-tour-historico-pelas-vilas-erguidas-dur>> Acesso em 23 de mai. 2023

SESSI, Valdir. **O povo do abismo**: trabalhadores e o aparato repressivo durante a construção da Hidrelétrica de Itaipu (1974 - 1987). 2015.

SOTUYO, Patrícia Claudia Godoy et al. **Segregação urbana: estudo de caso das vilas de Itaipu**. 1998.

SOUZA, Aparecida Darc de. **Formação econômica e social de Foz do Iguaçu**: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008). 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

Título: Causos dos Barrageiros Itaipu. Transmídias PTI. 25'47". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R4foHsv5rCY&t=9s>> Acesso em 26 mai. 2023

Título: Espaço do Barrageiro - Causos dos Barrageiros. Transmídias PTI. 22'16". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bTuHIYGe1OU>> Acesso em 26 mai. 2023

Título: FILME Construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu [RARIDADE]. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q9Iy-CIo1k8&t=2822s>> Acesso em 26 mai. 2023

Transmídias PTI. Sala de Contextualização | Espaço do Barrageiro PTI. Youtube, 27 de abr. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5FRt8SN0fd4&t=7s>> Acesso em 6 mai. 2023.

UEDA, Eduardo Gonçalves. **História e memória dos trabalhadores brasileiros na construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso.

Você já foi um barrageiro em Itaipu? **Clickfoz**, Foz do Iguaçu, 28 mai. 2011. Disponível em: <<https://www.clickfozdoiguacu.com.br/voce-ja-foi-um-barrageiro-em-itaipu-8829/>> Acesso em 06/05/2023

YANO, Sylvia. Paineis de Poty Lazarotto no Paraná. **Poty by Bike**. 10 fev. 2019. Disponível em: <https://sentidosdoviar.com/paineis-de-poty-lazarotto-no-parana/#Poty_by_Bike> Acesso em 26 mai. 2023